



Guilherme Lorêdo Habbema de Maia

**O Projeto de Suporte Norte-Americano a Grupos
Fundamentalistas no Afeganistão Durante a
Guerra Afegã-Soviética (1979-1989)**

Monografia

Monografia apresentada ao Departamento de
História da Pontifícia Universidade Católica do
Rio de Janeiro como requisito para obtenção do
título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Mario Angelo Brandão de
Oliveira Miranda

Rio de Janeiro

Novembro de 2019

Para meus pais, Maurício Maia e Maria Luisa Lorêdo,
pelo suporte e amor incondicional.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro por ter me proporcionado a chance de completar o Curso de História contando com uma bolsa integral de desempenho acadêmico, algo que serei eternamente grato.

Agradeço os meus pais Maurício e Luisa. Sem eles nada disso seria possível, devo muito a todo o amor, estrutura e possibilidades que eles foram capazes de me entregar.

A minha companheira, Brisa, por estar sempre ao meu lado e por ter me apoiado durante esta longa caminhada acadêmica.

Aos meus amigos de longa data: Luca, Alexandre, Victor e Fernanda. Muito obrigado por todos estes anos de amizade, carinho e atenção, estes foram fundamentais em minha jornada.

Aos grandes amigos que pude conhecer no curso de História: Patrick, Bernardo, Rodrigo e Karina, que tornaram estes 4 anos muito mais leves e proveitosos.

Ao meu orientador, Mario Angelo Miranda, que tive o maior prazer de conhecer para a elaboração desta monografia, expandindo e enriquecendo significativamente o meu conhecimento ao longo do desenvolvimento do texto.

A todos os professores que influenciaram positivamente em minha trajetória educacional.

A todo o corpo de professores e funcionários do Departamento de História da PUC-Rio.

Ao meu gato, Felix, que já está há 18 anos comigo e passou incontáveis noites ao meu lado durante a escrita da monografia.

Resumo

MAIA, Guilherme Lorêdo Habbema de. **O projeto de suporte norte-americano a grupos fundamentalistas no Afeganistão durante a Guerra Afegã-Soviética (1979-1989)**. Rio de Janeiro, 2019, 56p. Monografia – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho de monografia tem como proposta analisar o projeto de suporte norte-americano a grupos insurgentes afegãos durante a Invasão Soviética no Afeganistão. Esta análise parte da origem do Afeganistão, passando por sua evolução como nação até o momento em que foi subjugado por intervenções exteriores norte-americanas e soviéticas, que forçaram a implementação de uma organização sociopolítica distante daquelas que já haviam sido experimentadas no país. A monografia aborda a forma com que este auxílio foi realizado e quais foram as suas consequências para o Afeganistão, por meio da análise de documentos, disponíveis em acervos digitais de órgãos governamentais norte-americanos, e do suporte de obras historiográficas.

Palavras-chave

Afeganistão; Guerra Fria; Invasão Soviética; Insurgência afegã; Estados Unidos.

Abstract

MAIA, Guilherme Lorêdo Habbema de. **The North American aid project to fundamentalist groups in Afghanistan during the Soviet-Afghan War (1979-1989)**. Rio de Janeiro, 2019, 56p. Monografia – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This paper aims to analyze the North American aid project to insurgent groups in Afghanistan during the Soviet Invasion. This analysis starts from the origin of Afghanistan and its evolution as a nation until the moment it was subdued by Soviet and North American interventions, forcing the implementation of a sociopolitical organization far from those that were already established in the country. The events of the Soviet Invasion resulted in the United States indirect entrance in the conflict, choosing to support the Afghan insurgent forces. The monograph addresses the way this aid was accomplished and its outcomes in Afghanistan, through the analysis of documents, available in North American governmental digital archives, and with the support from historiographical works.

Keywords

Afghanistan; Cold War; Soviet Intervention; Afghan Insurgency; United States.

Sumário

Lista de abreviações	7
Introdução	9
1. A construção do Afeganistão	12
1.1. Antecedentes e fatores determinantes para o processo de criação do Afeganistão	12
1.2. O processo de criação de uma nacionalidade afegã	16
1.3. Independência e modernização do Estado afegão	22
2. A investida comunista no Afeganistão	27
2.1. O contexto internacional pré-invasão soviética no Afeganistão	27
2.2. O golpe comunista	32
3. O projeto de suporte norte-americano ao Afeganistão	38
3.1. A estratégia norte-americana para combater a presença soviética no Afeganistão	38
3.2. O impacto do investimento massivo dos EUA em grupos insurgentes fundamentalistas	44
Considerações finais	51
Referências bibliográficas	53

Lista de abreviações:

CIA – *Central Intelligence Agency* (Agência Central de Inteligencia)

EUA – Estados Unidos da América

GM – Guerra Mundial

KGB – *Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti* (Comité de Segurança do Estado)

PDPA – *People's Democratic Party of Afghanistan* (Partido Democrático do Povo do Afeganistão)

RGANI – *Russian State Archive of Contemporary History* (Arquivo de História Contemporânea do Estado Russo)

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

I am tired and sick of war. Its glory is all moonshine. It is only those who have neither fired a shot nor heard the shrieks and groans of the wounded who cry aloud for blood, more vengeance, more desolation. War is hell.

William T. Sherman

Introdução

Esta monografia foi elaborada para pensar e analisar o processo de interferência dos EUA dentro do Afeganistão durante a Invasão Soviética, trazendo para o debate o impacto que esta causou naquela nação. Esta análise traz uma perspectiva histórica afegã, que aborda seus primeiros momentos embrionários, passando por sua criação e diversos experimentos, chegando até o momento em que a nação se viu em meio a uma grande disputa ideológica durante as décadas de 1970 e 1980 entre as duas grandes potências da Guerra Fria: os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O objetivo aqui é determinar como a interferência norte-americana durante a Invasão Soviética de 1979 impactou na estruturação nacional do Afeganistão e no surgimento de organizações radicais muçulmanas que foram patrocinadas por subsídios dos EUA.

Para tratar deste assunto, optei em utilizar alguns autores com obras consolidadas tratando sobre a Guerra Fria, como Odd Arne Westad, Melvyn Leffler, John Lewis Gaddis e Niall Ferguson. Em suas respectivas obras, além de fornecerem dados fundamentais sobre o conflito em si, eles comentam precisamente sobre a situação afegã durante o início da Guerra Fria até os eventos da Invasão Soviética. Também foram utilizados autores que escrevem sobre os períodos imperiais britânico e russo, essenciais para compreender o contexto geopolítico da época em que o processo de independência do Afeganistão se desenvolvia. Exemplos destes são: Eric Hobsbawm e Daniel Aarão Reis Filho. Além disto, utilizei as obras de Benedict Anderson e Edward Said para fornecer as bases conceituais do trabalho em cima da construção da nacionalidade afegã e da questão orientalista do tema. Vale mencionar também a escolha dos textos de Barnett Rubin, um dos grandes especialistas voltados à história afegã, e do extenso estudo antropológico em torno do Afeganistão do pesquisador Louis Dupree.

A respeito da escolha das fontes utilizadas nesta monografia, procurei investigar os acervos disponíveis online de órgãos que estiveram diretamente relacionados com o objeto de pesquisa. Entre eles, utilizei: o acervo da Agência Central de Inteligência (CIA), que disponibiliza uma vasta quantidade de documentos oficiais desclassificados e matérias publicadas em jornais norte-americanos; a biblioteca virtual da presidência dos Estados Unidos da América,

contendo grande parte de discursos, cartas e memorandos proferidos por todos os seus presidentes; e o arquivo digital do Programa de Política Pública do Wilson Center, uma organização que disponibiliza para o público a transcrição de documentos governamentais estrangeiros, contando com traduções para o inglês.

Nestes acervos digitais procurei fontes que explicitassem as intenções norte-americanas e soviéticas durante o período de invasão da União Soviética no Afeganistão, trazendo para a pesquisa argumentos que sustentem a ideia de que havia de fato projetos ideológicos sendo esquematizados em cima do país.

Aproveito esta introdução para salientar as limitações que estão presentes neste deste trabalho, pois está lidando e baseando-se em uma parte significativa de fontes documentais e bibliográficas de origens anglo-americana. Diante de tais circunstâncias, houve a tentativa de matizar, sempre que possível, estas interpretações presentes no conjunto de referências, procurando evitar a construção de uma narrativa estereotipada e pouco crítica desta temática que lida com os conceitos “orientais e ocidentais”. Desta forma o protagonismo dos atores envolvidos no processo consegue ser explorado e compreendido. O motivo para esta escolha está relacionado a incompatibilidades linguísticas e à limitação da disponibilidade de material documental e historiográfico produzido por autores de nacionalidades protagonistas do assunto em questão. Cabe ressaltar também, que estas escolhas foram feitas por consequência da pequena quantidade de estudos realizados em português em cima da temática escolhida nesta monografia.

O texto está separado em três capítulos. Ao início do primeiro capítulo há uma narrativa que introduz o leitor ao Afeganistão, abordando sua localização geográfica, suas principais características climáticas e físicas e sua organização regional baseada na topografia local. Após estes pontos, é traçada uma extensa linha histórica dos eventos que ocorreram na região até o momento que se iniciava a construção nacional do país e o desenvolvimento de sua estrutura política, levando em consideração o impacto destes eventos em cima do processo. O segundo capítulo trata da época em que Afeganistão encontrava-se em meio ao cenário de tensão que envolvia os EUA e a URSS durante o período posterior a Segunda Guerra até o início da Guerra Fria, onde estas nações acabaram disputando pelo espaço e influência ideológica ao redor do mundo. Nesta etapa são exploradas as

movimentações e negociações que culminaram na entrada das tropas da União Soviética no Afeganistão e posteriormente no surgimento do movimento de resistência afegã.

Por fim, no terceiro e último capítulo, trata-se da resposta norte-americana a esta invasão soviética dentro do território afegão, analisando as motivações e interesses que os EUA possuíam em defender a soberania do Afeganistão, e o que os levaria a interferir neste conflito. O capítulo trabalha em cima do projeto que foi utilizado pelo governo americano ao optar por oferecer suporte aos grupos de resistência, e em suas consequências para o país.

1

A construção do Afeganistão

Iniciando o trabalho, este capítulo se dedica a apresentar o Afeganistão e os primeiros movimentos de seu povo. Marcado por um extenso histórico de invasões e outros eventos de caráter violento, aliado a uma gama considerável de etnias e culturas distintas em seu território, o Afeganistão durante milênios sofreu para alcançar alguma forma eficiente de unificação. Neste capítulo estes eventos serão explorados, até o momento em que a região se torna oficialmente um país, com a missão de ultrapassar estes obstáculos históricos em busca de um fator unificador.

1.1

Antecedentes e fatores determinantes para o processo de criação do Afeganistão

Localizado na região central da Ásia, o Afeganistão é um país que historicamente sempre esteve no meio de conflitos imperiais, e em grande parte das vezes sofreu impactos diretos e significantes que nos possibilitam a entender a sua situação atual. Estes colaboraram para que o território e a sua população acabassem se estruturando de maneira fragmentada, devido a sua composição étnica, cultural e linguística diversa, dificultando uma identificação de uma camada populacional homogênea. A região sempre foi cercada por áreas ocupadas por grupos étnicos¹ variados advindos de locais atualmente determinados como Irã, Turcomenistão, Uzbequistão, Tajiquistão, Paquistão, China e Índia. A proximidade tornava os fluxos migratórios elevados, fazendo com que diferentes grupos étnicos vizinhos acabassem adentrando o território para se instalar, diversificando e expandindo ainda mais o número de diferentes tribos na região.

Historicamente, o local onde hoje está situado o Afeganistão passou por alguns momentos que foram marcantes em sua consolidação física e social. Rastros arqueológicos apontam que os primeiros habitantes tribais da região surgiram por

¹ O Afeganistão é composto por diversos grupos étnicos, com culturas e idiomas distintos. Dentre os mais notórios e numerosos, respectivamente, temos: Pashtuns, representam a maioria da população afegã, possuem idioma próprio (pastó) e são descendentes milenares da região; Tadjiques, descendentes culturais e linguísticos persas; Hazaras, que usam um dialeto persa para se comunicar e foram originados da chegada mongol ao Afeganistão; e os Uzbeques, herdeiros turcos que adentraram a região. (RUBIN, 2002).

volta de 2500 a 2000 a.C., desconsiderando as passagens ocasionais de hominídeos que vagavam pelo Oriente Médio e Ásia Central milhares de anos antes. Segundo o arqueólogo e antropólogo Louis Dupree, estas primeiras tribos eram compostas por povos nômades e seminômades falantes de línguas indo-europeias, que se estabeleceram na região do Platô Iraniano, local que abarca parte do atual Afeganistão (DUPREE, 1973, p.266). Devido às características climáticas e geográficas do território, os aglomerados humanos eram forçados a adotar um comportamento nômade para conseguir sobreviver ao intenso calor do verão afegão e ao inverno imperdoável nas áreas de maior altitude. Isto fazia com que a produção de alimentos não fosse regular, forçando-os a se movimentarem constantemente pelo território. Isto ocorre devido à forma com que os elementos topográficos atuam no país, fazendo com que ele fique dividido em três grandes áreas. Estas áreas são delimitadas através da cordilheira de montanhas chamada *Hindu Kush*, que se estendem do Nordeste do país até a região central, e as divide da seguinte forma: as Planícies do Norte, onde há a maior concentração de terras férteis do país; as Terras Altas Centrais, que se encontram no meio das cordilheiras e garantem acesso a diferentes rotas para a Índia; e os Platôs do Sul, com grande número de rios, desertos e com uma altitude média de aproximadamente 900 metros. É possível perceber então que, o território por si mesmo já se encontra dividido topograficamente, criando fronteiras internas naturais e dificultando as movimentações humanas. Como consequência disto, houve uma separação demográfica radical, fazendo com que os habitantes optassem a formar tribos regionais e familiares. Por outro lado, torna o Afeganistão um local de difícil acesso para aqueles que não o conhecem, uma característica defensiva muito valiosa.

A questão do sistema tribal no Afeganistão foi algo presente desde os primeiros povos que lá habitaram devido às condições topográficas já mencionadas. Este comportamento aliado aos movimentos nômades fez com que os habitantes fossem forçados a se adaptarem a sobreviver às adversidades locais. Com isso, naturalmente as tribos partiam em busca de novos sítios para continuarem sua expansão, já que não necessariamente abandonavam seus postos antigos por completo, apenas durante o período em que as condições climáticas não permitiam o cultivo da agricultura e a criação de animais, como ovelhas e cabras. Desta forma

foram estabelecidas as primeiras cidades da região, como a atual Kabul, se estendendo para a região do atual Paquistão com as cidades de Harappa e Mohenjodaro, que já contavam com aproximadamente 40.000 pessoas até 700 a.C. (RUNION, 2007, p. 22). O problema era que estas pequenas cidades sofriam constantes ataques de invasores, algo que muitas vezes devastava tudo aquilo que havia sido erguido previamente. Estes ataques foram constantes na história do território que compreende o Afeganistão moderno, aliás, ali se localizavam diversas rotas comerciais importantes e um dos principais acessos a Índia. O primeiro império erguido naquelas terras, segundo alguns autores, foi a partir da invasão da civilização de Medes por volta de 700 a.C., esta que seria a primeira de muitas outras que estariam por vir (RUNION, 2007, p. 23). Estes encontros e invasões foram tantas, que atribuíram ao Afeganistão o título de “*The Crossroad of Empires*”. Após os Medes, a região fora invadida pelo Império Persa (~550 a.C.), que durante quase 2 séculos esteve atuando na área. Sua missão de expansão ajudou o território a ganhar forma, ainda que limitada a sua área de atuação, ou seja, aos locais onde a criação de cidades se expandia.

O desafio para os conquistadores era competir com a resistência que as tribos regionais empregavam, estas que dificultavam a estabilização e permanência de estrangeiros invasores na região, já que necessitavam subjugar as populações nativas. Ao longo do século 4 a.C. a organização tribal da região, por mais que possuísse rivalidades acirradas, conseguiria cessar seus conflitos para resistir aos forasteiros persas, aproveitando o momento de fragilidade e desintegração do império (RUNION, 2007, p. 30). Até aqui o Afeganistão ainda se mantinha erguido, com suas cidades, estruturas e monumentos construídos pelos persas, porém as tribos continuavam a se organizar regionalmente, mantendo sua rivalidade. Mais à frente, por volta de 334 a.C., Alexandre alcançaria a região, repelindo os exércitos persas e encontraria a mesma dificuldade em controlar as tribos, optando por empregá-las como mercenárias para evitar que prejudicassem a logística macedônica (IRWIN, 2012, p. 7). Dentre outros eventos importantes vale a pena destacar invasão do Império Heftalita em 400 d.C., que deixou a região devastada (RUNION, 2007, p. 47), e a chegada dos árabes na região no século VII, introduzindo-a o islamismo através do Sistão (província ao sudoeste da região

afegã), dando início ao contato da religião muçulmana com as tribos afegãs que passariam a se converter gradualmente (BOSWORTH, 2012, p. 245). Mais tarde, durante o século XIII, as terras afegãs enfrentaram Gengis Khan, que segundo muitos historiadores como Ewans (2005, p. 5), teria sido uma das mais destrutivas invasões para a área, devastando grande parte das áreas férteis e deixando o território em ruínas.

E assim se caracterizava a região onde se localiza o Afeganistão no século XIII-XVI, uma espécie de “*mosaico linguístico*” com múltiplos chefes tribais e pequenos reinos que disputavam pelo controle de rotas comerciais, como a Rota da Seda (SEDDON, 2003, p. 179). Durante este período de conflitos internos, os Mughals (dinastia indiana) aproveitaram para se lançar na região afegã, conquistando as províncias que se tornariam o núcleo do atual Afeganistão (SEDDON, 2003, p. 179). Paralelamente a onda de aproximações europeias estava por começar no subcontinente indiano, pelo litoral. Até este ponto o Afeganistão ainda não havia na totalidade de seu território qualquer tipo de elemento unificador em larga escala que não fosse oriundo de imposições forçadas estrangeiras ou fruto da necessidade de repelir estas. Lhes faltava uma iniciativa para que as tribos se solidificassem e defendessem seu espaço em união através de uma possível reforma política, caso acordassem de tal forma. Como Godeghesi (2015, p. 102) explica, a sociedade afegã e seus diversos grupos tribais distintos obedeciam estritamente às suas respectivas lideranças locais, enfraquecendo qualquer espécie de centralização ou implementação forçada de um único “governo”. Vale pensar que, esta necessidade de se criar ou implementar uma centralização no Afeganistão que alguns autores observam, pode ser questionada, já que estes grupos étnicos distintos que compõem o território talvez não enxerguem a situação da mesma forma. Um processo de nacionalização de sucesso precisa da participação de todos os componentes que integram determinada região, e caso não exista um acordo, como bem exemplifica Anderson, seria como “esticar uma pele curta e apertada” sobre todo o território (ANDERSON, 2008, p. 131).

1.2

O processo de criação de uma nacionalidade afegã

Foi apenas em 1747 que o Afeganistão viu uma chance em se procurar uma unificação, ainda que parcial. Após o assassinato de Nadir Shah, líder persa, os chefes tribais Pashtuns se organizaram e elegeram Ahmad Shah como legítimo chefe. Os Pashtuns são um grupo étnico milenar e considerados como os primeiros a se instalarem na região onde se localiza o Afeganistão. Historicamente, os Pashtuns sempre representaram a maior parte da população situada na região. Possuem sua própria língua, o pastó, que é utilizado atualmente como idioma oficial do Afeganistão. Por serem maioria, os Pashtuns sempre estiveram em posições de poder dentro da região afegã.

Ahmad Shah não era o “Rei do Afeganistão”, um território soberano. Em vez disso, ele foi escolhido como “Rei [Shah] dos Afegãos”, isto é, o líder das tribos no *loya jirga* (grande conselho) da confederação tribal dos Abdali próxima a Kandahar em 1747. (RUBIN, 1988, p. 1191, tradução nossa).²

Este trecho de Barnett Rubin é importante pois consegue dialogar bastante com o que Benedict Anderson escreveu sobre o conceito de uma nação “imaginada” ao tratar o conceito “do mesmo modo que se trata o “parentesco” e a “religião”” (ANDERSON, 2008, p. 32). Por mais que Shah não tenha sido escolhido como um representante da soberania territorial afegã, ele representa uma escolha diante de um grupo de tribos que concordaram seguir um indivíduo para seguir em união, caracterizando um sentimento de pertencimento entre aqueles que ali acordaram. Segundo Rubin (2002, p. 46), Ahmad tratava esta união mais como uma confederação do que propriamente um império, e tentou utilizar o islamismo para legitimar um poder centralizado, porém não obteve o sucesso que esperava. A partir deste momento a região passava a ser clamada como Afeganistão pelos Durrani (como foi chamada esta confederação), marcando o primeiro passo de uma construção nacional no país e que contribuiria a manter os Pashtuns em sua posição social elevada.

² “Ahmad Shah was not the “King of Afghanistan”, a territorial sovereign. Rather, he was chosen as “King [Shah] of the Afghans”, that is, the leader of the tribes, at a *loya jirga* (great council) of the Abdali tribal confederation near Kandahar in 1747.”

Então, a criação da confederação Pashtun dos Durrani havia sido a primeira aproximação de um “sentimento nacionalista”, ainda que limitada aos Pashtuns, e este poderia ser o caminho para uma tentativa de abranger o território por completo, por mais que isto significasse que outros grupos étnicos teriam de ser subjugados. E o problema era que a confederação não possuía organização suficiente nem os meios para administrar o poder se pensassem em incorporar todo o território afegão, porque se considerarmos as “comunidades imaginadas” de Anderson (2008), observamos que os Tadjiques, os Uzbeques e outros grupos étnicos também podem ter algum grau de nacionalismo em seus núcleos tribais, criando a “modularidade”³ que o próprio autor propõe. Enquanto isso, ao início do século XIX as expansões territoriais britânicas e russas estava em curso, e suas aproximações partiram de motivações similares, enquanto os britânicos buscavam expandir seu poder já presente na Índia desde o século XVII através do atual Paquistão, os russos desciam em direção ao Afeganistão, devido à proximidade de suas terras. E é exatamente neste critério que os impérios iriam procurar intervir, já que era interessante para o contexto global delimitar as fronteiras nacionais do Afeganistão, fazer com que ele fosse reconhecido oficialmente e então possivelmente acoplá-lo ao império, fosse ele russo ou britânico.

A movimentação russa ao norte da Índia passava a gerar desconfortos para os britânicos, que pensavam poder estar em risco caso os russos decidissem avançar para dentro do Afeganistão, os posicionando bem próximos aos seus limites territoriais (RUBIN, 2013, p. 364). Buscando defender sua área de atuação, os britânicos tentam se prevenir e lançam uma investida para dentro do Afeganistão em 1839, culminando em uma drástica derrota para os mesmos em 1842, em decorrência à falta de conhecimento e preparo do exército britânico para combater em ambientes montanhosos e extremos. Além disso, os afegãos sempre souberam utilizar as características geográficas a seu favor e atacam seus inimigos estrategicamente, atingindo os mantimentos e adotando táticas de guerrilha. Ferguson (2004, n.p) menciona que cerca de 17.000 soldados britânicos que

³ Talvez esta “modularidade” de Anderson (2008) se aproxime da forma com que Rubin (2002) caracteriza o Afeganistão como um estado fragmentado que, como Anderson (2008) também coloca, depende de fatores políticos e ideológicos para que se torne uma unidade, caso contrário, são apenas frações que compõem um todo.

estavam situados no Afeganistão foram completamente eliminados pelos afegãos. Em contrapartida, o Afeganistão não tinha mais como expandir seu território e seu poder contando com conquistas territoriais, vendo que ao Sul estava o Império Britânico e ao Norte estava o Império Russo, o que significava que qualquer tentativa de expansão resultaria em uma guerra em larga escala (RUBIN, 2002, p. 47). Ainda segundo Rubin (2002, p. 47), a saída adotada por Dost Muhammad, líder da confederação Pashtun, foi negociar a posição do Afeganistão com seus vizinhos, o que traria benefícios para o país, já que Dost teria aprendido como a manutenção de um estado moderno é feita, durante alguns anos de exílio que passara na Índia britânica anos antes da guerra. Esta observação feita por Rubin traz uma reflexão interessante de ser feita, pois conseguimos enxergar exatamente aquilo que Edward Said defende em sua obra “Orientalismo” ao analisar as narrativas britânicas que colocam o Ocidente sobre o Oriente em posição superior. A informação de que Dost estaria absorvendo os conceitos nacionalistas europeus e estratégias de governabilidade com os britânicos carrega em si a mesma narrativa: apenas os britânicos sabem o que é bom para os orientais, por se considerarem a mais avançada civilização do mundo. Por mais que este tenha sido o caminho tomado, toda a discussão envolvendo a criação deste Estado-nação no Afeganistão neste trabalho ainda vai carregar um peso orientalista, tendo em vista que, como havia citado no início, estamos trabalhando com autores ocidentais, algo que será relativizado ao longo deste trabalho. De qualquer forma, a bagagem britânica se tornaria essencial para que ele fosse capaz de impulsionar a soberania do Afeganistão. Os frutos deste conhecimento se mostraram visíveis ao conseguir o suporte bélico da dinastia Qajar no Irã, que já organizava sua força militar baseando-se em parâmetros europeus. Outra medida adotada por Dost Muhammad foi negociar a neutralidade em relação à revolta indiana que ocorreu entre 1857-1859, o que garantiu ao Afeganistão carregamentos de armas britânicas e a um curto período de paz entre os lados (RUBIN, 2002, p. 47). O conhecimento e o acesso às armas de guerra possibilitaram a criação de um exército nacional centralizado aos moldes europeus, o que iria facilitar na imposição de um possível governo afegão.

Enquanto isso, o Império Russo seguia com suas conquistas na Ásia Central, até que alcançou a fronteira nortenha do Afeganistão em 1876. Diante disto o emir

afegão preferiu ir por um caminho amigável, e se inclinou a estabelecer relações com os russos. Isto não foi bem recebido pela coroa britânica, que por sua vez iria declarar mais uma guerra ao Afeganistão em 1879. Como escreve Niall Ferguson (2004, n.p), o período entre 1879 e 1919 foi marcado por este segundo ataque britânico e, principalmente pelo conflito que o próprio autor chama de “1ª Guerra Fria”, apelidado pelos soldados britânicos de “*Great Game*”. Ferguson (2004, n.p) a apelida desta maneira porque não havia enfrentamento bélico entre russos e britânicos, a ideia era penetrar espiões no território afgão para coletar inteligência cartográfica, fazendo com que o primeiro que mapeasse as fronteiras do Afeganistão teria maiores chances de controlar o mesmo. A comparação deste embate com a Guerra Fria se dá justamente no fato de que é um conflito por influência, poder e espaço, onde não havia interesse de iniciar um combate físico de larga escala, o que parece semelhante ao observarmos os Estados Unidos e União Soviética durante o século XX. O resultado deste segundo ataque britânico foi dividido, já que, por mais que seja possível dizer que o Afeganistão saiu vencedor, houve uma condição que agradou bastante a coroa inglesa. “A guerra terminou com uma vitória parcial para os afgãos, que mantiveram sua soberania interna mas cederam o controle de suas relações estrangeiras para os britânicos.” (RUBIN, 2002, p. 48, tradução nossa)⁴. Com este resultado os britânicos conseguiram manter a Rússia à distância e procuraram negociar com o Afeganistão, respeitando suas fronteiras e enviando recursos monetários por meio do Tratado de Gandamak. O tratado de Gandamak teria sido forçado ao Afeganistão e “garantia a Kabul suporte britânico contra agressões externas e providenciava dinheiro e armamentos com os quais o líder afgão utilizaria para subjugar seu próprio território” (RUBIN, 2013, p. 364, tradução nossa)⁵. Por mais que os próprios afgãos não estivessem de acordo com a assinatura do tratado, por estarem se submetendo parcialmente a um estrangeiro, esta ajuda financeira e militar poderia apoiar a manutenção do poder dos Pasthun, algo que justamente lhes havia faltado anos atrás durante a primeira tentativa de unificar a região. Contando com estes elementos, a tarefa se tornou bem

⁴ “The war ended with a partial victory of the Afghans, who maintained their internal sovereignty but ceded control of their foreign relations to the British.”

⁵ “The treaty guaranteed British support to Kabul against external aggression and provided an annual subsidy of money and arms with which the Afghan ruler was to subdue his own territory.”

mais palpável. Outra negociação importante que ocorreu durante o “*Great Game*” foi a determinação da Linha de Durand (1893) entre afegãos e britânicos. Nesta negociação se estabeleceu até onde a esfera de influência britânica se estendia para dentro do território afegão. O resultado deste acordo estabeleceu a fronteira entre os territórios, garantindo uma parcela da região em que hoje está situado o Paquistão para o império britânico, que, por mais que contasse com a assinatura afegã, foi algo que nunca foi digerido pelos afegãos, já que boa parte da população Pashtun habitava nesta região. Vale a pena mencionar aqui que este processo anglo-afegão é muito importante para entendermos a estratégia norte-americana que atuou durante a guerra soviética-afegã de 1979 que será abordada mais à frente.

Os 21 anos que sucederam a assinatura do tratado de Gandamak foram marcados por um forte governo de Abd-ur-Rahman Khan “*Iron Emir*”, que havia assumido a liderança em 1880 durante a retirada das tropas britânicas do Afeganistão. Contando com o suporte britânico, o emir pôde administrar o Afeganistão de forma mais prática, já que contando com os meios apropriados ele conseguia cobrar impostos, pagar as tropas e gerar melhorias para a capital. Ainda assim, havia aquela parcela de habitantes que não eram Pashtuns no país, os Tadjiques e Uzbeques por exemplo, que precisavam se incorporar ao estado para que houvesse uma hegemonia, o que não era o caso. Estes grupos não se sentiam representados por um líder Pashtun, muito menos se consideravam afegãos, e constantemente pegavam em armas para ir contra o emir. Em resposta, Rahman os confrontava com força militar, para tentar enfraquecer a resistência destes grupos e utilizava uma estratégia diferenciada para controlar as regiões que ele não alcançava. Uma de suas estratégias era deslocar pequenas lideranças Pashtuns insatisfeitas para comandarem áreas de presença Uzbeque ou Tadjique ao Norte, fazendo com que houvesse uma espécie de troca de favores entre a Rahman e as alas insatisfeitas com seu governo. Desta forma ele conseguia neutralizar seus rivais que estavam se rebelando, tornando-os aliados (RUBIN, 2002, p. 50). Até o ano de sua morte (1901), Abd-ur-Rahman se esforçou para fortalecer o estado afegão, exilando inimigos políticos, e fez o que o Afeganistão já havia visto no século

anterior de forma avançada, a imposição do islamismo como fator unificador⁶. Esta questão é bem importante para o entendimento da lógica de funcionamento das distintas comunidades islâmicas, pois observa-se que, em sua maioria, a religião representa um conjunto de valores universais e éticos que regem a vida de seus fiéis de maneira rigorosa, ditando desde costumes alimentícios até leis sagradas para punir seus fiéis contraventores. É justamente através do Islã que o indivíduo se sente membro de uma comunidade supranacional e que tem ação no mundo (RUBIN, 2002, p. 39). Por isso que a medida de impor a religião como elemento unificador e centralizador é uma estratégia interessante a ser adotada, considerando que na época o Afeganistão era quase integralmente islâmico, tendo em vista que a sua maior parte era constituída por Pashtuns sunitas, seguida de outras etnias igualmente sunitas, como os Tadjiques e os Uzbeques. O que impedia esta integralidade era a pequena fração de xiitas que compunham cerca de um décimo da população geral afegã. Esta diferença religiosa que separa os sunitas de xiitas se dá na forma com que as duas vertentes compreendem e interpretam os eventos ligados a sucessão do profeta Maomé. Entretanto, como o Afeganistão é composto majoritariamente por sunitas, a utilização do islamismo como fator unificador foi eficiente.

A partir deste momento, ao invés de depender de negociações com pequenos líderes tribais, foram colocados “governadores” nas diversas localidades do Afeganistão que estariam sujeitos a repassar a coleta de impostos para o estado, aparelhando o governo de Rahman com uma renda interna. Em 1901, com a morte de Abd-ur-Rahman, Habibullah, seu filho, assumiu o governo. Vale salientar que até esta data o Afeganistão ainda contava com o suporte financeiro da coroa britânica, algo que estava prestes a mudar.

⁶ "Ele [Rahman] assinou tratados formais com diversos setores da sociedade, reconhecendo-o como Imam, líder da comunidade islâmica. Ele institucionalizou a posse da soberania islâmica estabelecendo cortes estatais oficiais da Xaria [código penal islâmico] em todas as províncias. O amir alegou que por estar empreitando uma jihad [guerra santa muçulmana] ao defender o Afeganistão contra os infiéis, era o dever de todos os muçulmanos no território afegão apoiarem e pagarem impostos a ele. (RUBIN, 2002, p. 50, tradução nossa)"

1.3

Independência e modernização do Estado afegão

Com a recém posse de Habibullah, o Afeganistão deixaria para trás o legado extremamente violento e autoritário que vivenciou durante o governo de Rahman, e entraria por uma fase de modernizações no estado, que fez com que as lideranças tribais voltassem a se esquematizar, prática recorrente que o país nunca abandonou completamente. Surgia aqui uma caminhada que pretendia alterar a forma com que o governo se comportava, abandonando práticas que Rahman adotava para assegurar uma centralização e adentrando a um modelo de Estado-nação voltado aos exemplos de países que adotaram o modernismo islâmico⁷, idealizado no Império Otomano (RUBIN, 1988, p. 1195). Durante seu governo, Habibullah se deparou com uma decisão de suma importância para os rumos do país, ao precisar assinar a Convenção Anglo-Russa de 1907, que estabeleceria em qual esfera imperial o Afeganistão estaria submetido. E por mais que não tenha aceitado se submeter a qualquer esfera, prometeu neutralidade ao longo da Primeira Guerra Mundial (GOODSON, 2014, p. 36), o que não agradou seus súditos favoráveis a uma independência do país. Para autores como Hobsbawm (1988, n.p), o fato da Pérsia e do Afeganistão optarem pela neutralidade ao assinar a Convenção Anglo-Russa foi justamente o que garantia que estes conseguissem suas respectivas independências posteriormente, assim como a existência de suas monarquias. Paralelamente, o período da 1ª Guerra trouxe também outro ponto que foi marcante para os processos globais e principalmente afegãos: a decadência do império russo. O império czarista passava por uma fase difícil, contando com inúmeras revoltas rurais, devido ao péssimo estado de produção e condição de vida, e majoritariamente por estar falhando em homogeneizar a população do império. Como escreve Daniel Aarão Reis Filho (2000. p. 39) a tarefa de manter uma soberania nacional em um território com a quantidade diversa de nacionalidades, etnias, línguas, religiões, costumes e tradições, era praticamente impossível.

⁷ O modernismo islâmico é pautado em realizar o julgamento das decisões legais através do conhecimento e da razão, ao invés de utilizar os preceitos e dogmas milenares (DUPREE, 1973, p. 579). A ideia desta vertente é justamente ser mais coerente e compreender que o mundo já não mais o mesmo, e que agora é necessário utilizar argumentos desprendidos dos moldes tradicionais. Isto não era bem recebido pelos indivíduos mais conservadores, por estar se afastando das raízes islâmicas.

Inevitavelmente alguns destes grupos iriam se rebelar contra a “russificação” que estava sendo imposta, um processo que pode ser comparado ao que ocorria no próprio Afeganistão, a tentativa de criar um bloco nacional em meio a tantas divergências e incompatibilidades sociais entre aqueles que ocupavam o território. Ainda que tentassem se desenvolver através de reformas “ocidentalizantes”, crescendo economicamente com o aumento da industrialização e buscando resolver a crise, quem pagava a conta eram os camponeses, que se viam obrigados a migrar para as indústrias e continuar a viver precariamente (REIS FILHO, 2000, p. 40). Isto só piorava a situação do império, que precisou lidar de forma sanguinária com o aumento de revoltas e levantes populares cada vez mais organizados, estes que deram origem aos grupos políticos revolucionários. As ideias revolucionárias passaram a ter espaço além dos centros urbanos, ganhando força nos campos e que se materializaram em 1910 com o início dos movimentos de reivindicações sindicais e políticas (REIS FILHO, 2000, p. 46). Durante este processo a Grande Guerra só piorou o cenário russo, trazendo fome, miséria e a morte de milhões, devido ao gasto massivo de recursos que uma guerra daquela proporção requeria. Tal circunstância fomentou ainda mais a insatisfação popular no império, que mostraria sua força total em 1917, com a revolução de Lenin, que futuramente resultaria na criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Esta alteração na ordem geopolítica foi fundamental para o processo que será observado à frente no Afeganistão, além de possuir algumas semelhanças, principalmente na presença de distintas etnias e culturas em um mesmo espaço.

Voltando ao Afeganistão, após o termino da 1ª GM, respeitando o acordo de neutralidade, Habibullah foi assassinado por conspiradores conservadores⁸, passando o governo para seu filho Amanullah. Amanullah foi responsável por carregar a bandeira da independência do Afeganistão, um outro marco importante para avançar com a metamorfose do Estado-nação afegão. Aproveitando o momento de fraqueza e reconstrução britânica causada pelos impactos da Primeira Guerra Mundial, o jovem emir declarou independência em 1919, o que foi resolvido

⁸ A ala conservadora do governo afegão defendia que eles não deveriam estabelecer qualquer tipo de relação que os fizessem se curvar para os estrangeiros, que eram considerados infiéis. A mentalidade de *jihad* que Rahman fomentava em seu governo ainda era carregada por estes súditos conservadores.

através de um reconhecimento formal da soberania afegã gerado pelos britânicos. Por mais triunfal que a independência do estado afegão tenha sido, garantindo o reconhecimento internacional de sua existência e soberania, representava um novo desafio para o país, conseguir se sustentar sem o subsídio imperial que lhes fora garantindo enquanto dominados. Para contornar esta condição seria necessário adotar medidas mais liberais, abandonando o modelo isolado que seus antecessores defendiam. Amanullah então optou por abrir o país para o comércio, alterou a política de taxaço, reduzindo impostos e buscou melhorar as condições logísticas do Afeganistão, motivo principal que fazia a troca ser escassa. Rubin (2002, p. 55) reconhece que as medidas tomadas por Amanullah lembravam aquelas que outros estados absolutistas seguiam em ordem de se transformarem em Estados-nação modernos.

Estas medidas dependiam da expansão da agricultura capitalista e da acumulação de capital para trocas, então Amanullah adotou medidas para transformar tanto a terra quando o trabalho em commodities. Ele instituiu propriedade privada absoluta em terras e pastos aráveis. Ele vendeu terras do estado criando uma nova classe de proprietários camponeses, e aboliu escravidão e trabalho forçado. (RUBIN, 2002, p.55, tradução nossa).⁹

Tais medidas abriram caminho para que a primeira constituição do Afeganistão fosse escrita em 1921, tendo como uma de suas fundações a introdução da noção de uma cidadania universal que reconheceria todos os cidadãos como legítimos afegãos, embora esta seja questionável até os dias de hoje. E, destacando alguns artigos desta constituição formalizada em 9 de abril de 1923¹⁰, observa-se pontos interessantes, como: a determinação do islamismo como religião oficial e o respeito as demais religiões desde que não interfiram na ordem pública (artigo 2); a garantia da liberdade e imunidade contra qualquer tipo de violação individual, desde que o indivíduo não tenha sido julgado em corte pela lei xaria (artigo 10); o uso dos princípios e leis da xaria para julgar todos os tipos de casos e disputas

⁹ “These measures depended on expansion of capitalist agriculture and accumulation of capital for trade, so Amanullah took measures to make both land and labor into commodities. He instituted full private property in arable land and pasture. He sold off state land, thus creating a new class of peasant proprietors, and he abolished slavery and forced labor.”

¹⁰ Tendo como base a tradução da Constituição do Afeganistão de 9 de abril de 1923 escrita em pastó, disponível em: <https://www.constitution.org/cons/afghan/const1923.htm>

levados a tribunal (artigo 21); e a proibição de qualquer tipo de tortura ou punição, exceto em casos previstos pelo código penal, que por sua vez seguiam a xaria (artigo 24). Percebemos que a ala religiosa e conservadora ainda mantinha os alicerces religiosos na constituição, ao mesmo tempo que trazia os primeiros direitos constitucionais para estes novos afegãos, aumentando o acesso à educação e tentando inserir as mulheres no cotidiano nacional, retirando-as de seu local tradicionalmente determinado, nas casas, e as inserindo em escolas também (RUBIN, 2002, p. 56). Aumentando o acesso à educação nacional, Amanullah também abriu as portas para influências estrangeiras, fazendo com que as línguas estrangeiras como alemão, francês e inglês conseguissem ser ensinadas em escolas com um padrão elevado. Entretanto, como pode ser reparado, todas estas reformas tendenciosamente seculares estariam distanciando o estado do islamismo, aquele que o povo já havia adotado majoritariamente, e acabou desagradando parte da população e os apoiadores mais conservadores. Ou seja, um dos únicos elementos que traziam coesão dentro daquela sociedade estava sendo deixado de lado (GODEGHESI, 2015, p. 106). E, em meio a insatisfação e pequenas rebeliões, Amanullah acaba abdicando o trono em 1929, dando espaço para a dinastia Musahiban, que trazia de volta a questão religiosa para o estado. Este período foi marcado por uma positiva estabilidade política no Afeganistão, onde, por meio da religião, o estado conseguiu dialogar com as tribos e chegar a um equilíbrio. A educação recebeu mais atenção e os índices de escolaridade alcançaram seus maiores registros. Contudo, ao mesmo tempo que abriam espaço para a população se expressar e participar dos movimentos políticos, reprimiam os levantes estudantis que representavam algum tipo de ameaça ao governo. Internacionalmente, nesta mesma época, o Afeganistão foi introduzido na Liga das Nações em 1934, além de ter sido reconhecido formalmente pelos Estados Unidos. Isto foi muito importante para a relação entre os dois países, que resultou em um tratado de amizade governamental em 1936 e em um acordo de extração de petróleo em favor de uma exploradora nova-iorquina aprovado pelo governo afegão (DUPREE, 1973, p. 477). Como bem sabemos, a questão do petróleo era muito importante dentro do contexto pré-guerra, já que muitos países dependiam da importação deste recurso, fazendo com que estas negociações de extração exclusiva fossem determinantes para suprir aliados e desabastecer possíveis inimigos durante

a 2ª GM. Este era um dos diversos movimentos que os EUA estavam fazendo no Oriente Médio, procurando posicionar a seu favor países como o Afeganistão, Irã e Paquistão, que seriam fundamentais para o “tabuleiro” americano. A partir destes movimentos, podemos avançar para uma análise mais próxima do cenário internacional, entendendo melhor a posição geopolítica do Afeganistão, e assim analisar as operações realizadas pelos Estados Unidos e pela URSS no país, porém com um foco no projeto americano que tentou orquestrar uma nova ordem estrutural para o Afeganistão, procurando encaixá-lo no modelo internacional que seguia suas intenções.

2

A investida comunista no Afeganistão

Antes de prosseguir é necessário compreender alguns fatores determinantes deste processo, principalmente aqueles que envolvem os países fundamentais para a guerra afgã-soviética, como o Irã e o Paquistão, assim como os EUA e a URSS, todos estes interferiram de forma decisiva para o conflito no Afeganistão na década de 80. Aqui veremos como os eventos ocorridos envolvendo estes países a partir do período da Guerra Fria até a Invasão Soviética afetaram de maneira definitiva a forma com que a população do Afeganistão passou a se organizar, se afastando das antigas tentativas de unificação tradicionais por meio das hierarquias tribais.

2.1

O contexto internacional pré-invasão soviética no Afeganistão

As investidas soviéticas no Oriente Médio acontecem desde a década de 1920, em sua formação, onde desde então cediam suporte ao Afeganistão, acreditando que desta forma estariam protegendo sua área de influência dos avanços imperialistas, representados pelas potências ocidentais (WESTAD, 2007, p. 300). Mas, irei destacar a sua atuação durante o período da Segunda Guerra Mundial, onde a URSS estava fisicamente presente no Irã com seus exércitos, cooperativamente com o exército britânico em 1942. A intenção era defender as zonas iranianas de petróleo e as rotas para a Índia (GONÇALVES, 2000, p. 185), da mesma forma que ainda havia o interesse em ganhar apoio do Irã para a esfera socialista. O Afeganistão optou por adotar uma postura neutra durante a guerra, já que possuía vínculos com países aliados e países do eixo, o que favoreceu a União Soviética a aumentar seu projeto de ganhar influência dentro do Afeganistão (GOODSON, 2014, p. 48). Um ano após o término da Segunda Guerra Mundial, em 1946, o presidente americano Harry Truman ordenou que a presença de tropas soviéticas no Irã fosse encerrada, o que resultou em uma retirada gradual do Exército Vermelho. Porém este processo de retirada não foi algo simples, e acabou envolvendo muita tensão entre os países vitoriosos. Em sua totalidade, a Segunda Guerra Mundial demandou uma quantidade massiva de recursos econômicos e principalmente, de contingente humano de todos os lados. Ao final do conflito, os números foram apurados e apontaram as baixas que tiveram os três grandes aliados, EUA, Reino Unido e União Soviética. Por mais que a guerra tenha sido danosa para

todos os envolvidos, podemos perceber ao olhar os dados que esta acabou sendo “vantajosa” para os Estados Unidos, que ao final dos seis anos de guerra teve seu produto interno bruto praticamente duplicado, como escreve Gaddis (2006, p. 8), e contou com a morte de aproximadamente 300 mil americanos, não muito atrás do número de ingleses perdidos, que chegava a quantia de 357 mil homens. Estes eram números expressivos, mas ao analisarmos tudo que foi perdido pela URSS, podemos concluir que os impactos sofridos pela União Soviética foram muito mais severos. Diferentemente de seus aliados anglo-americanos, os soviéticos retornavam desta guerra devastados, com uma quantidade estimada de perdas alcançando a marca de 27 milhões de vidas, e com seus recursos exauridos, um preço muito alto pela vitória (GADDIS, 2006, p. 8). Ainda segundo Gaddis (2006, p. 9) alguma vantagem Stalin teria ao final do acerto de contas, aliás, sem a ajuda do Exército Vermelho, as tropas anglo-americanas não conseguiriam derrotar os nazistas. Seu papel se mostrou fundamental para o resultado da guerra, e isto era algo que Stalin estava preparado para usar ao negociar os acordos pós-guerra. Em primeiro lugar havia a questão da movimentação de tropas e suas respectivas retiradas, considerando que, os ingleses já estavam próximos de seu país e os americanos já haviam acordado na Conferência de Teerã¹¹ (1943) que iriam retornar seu exército para casa em até dois anos após o término da guerra. Stalin acreditava que devido ao tamanho da perda que teve, nada seria mais justo do que merecidas reparações através de benefícios pós-guerra. Com suas tropas presentes em uma parte considerável das ocupações conquistadas na Europa, ele pretendia mantê-las em suas posições para tentar extrair acordos que favorecessem a União Soviética, como por exemplo, retomar territórios europeus perdidos durante a guerra e adquirir concessões territoriais no Irã e na Turquia, estes que já contavam com a presença de suas tropas desde 1942, para proteger a extração de petróleo contra os nazistas (GADDIS, 2007, p. 12). O objetivo era garantir segurança para o regime soviético, porém iria depender dos americanos e dos ingleses, caso Stalin optasse em seguir um caminho amistoso.

¹¹ A Conferência de Teerã foi uma reunião realizada em 1943 na capital do Irã, contando com a presença dos três representantes oficiais do Reino Unido, URSS e EUA respectivamente: Winston Churchill, Joseph Stalin e Franklin Roosevelt. Nesta conferência foram decididos os pontos mais importantes para a guerra contra os nazistas, como a estratégia de tomada da França e detalhes sobre o ataque na costa da Normandia, conhecido como o Dia D.

Entretanto, como novamente escreve Gaddis (2007, p. 17), ainda que os três vitoriosos expressassem que aquele momento não era para se pensar em política, todos estavam ambiciosamente procurando acumular e expandir suas respectivas áreas de influência, pois no fundo não acreditavam naquilo que haviam expressado anteriormente. É neste ponto que as negociações relacionadas ao que Stalin pretendia retirar como seu prêmio de guerra iriam encontrar obstáculos, já que também havia o interesse anglo-americano em conter a eminente expansão ideológica dos soviéticos, bem como, expandir as próprias. Stalin, após conversar com Churchill e Roosevelt, acabou conseguindo retomar o território oriental europeu a troco de ter prometido que respeitaria a vontade daqueles países de escolherem seus governantes, algo que nunca foi realizado, resultando na implementação forçada do regime stalinista. Neste cenário a URSS estava preocupada demais em defender seu território, algo que acabou gerando desconfortos, pois reconhecia que a Aliança não seria mais necessária, supostamente colocando-a em risco, agora que o inimigo em comum já havia sido derrotado, ainda mais após a demonstração do poder nuclear dos EUA em Hiroshima e Nagasaki. Resolvida a questão territorial na Europa Oriental, restava então o processo de retorno das tropas que ainda estavam localizadas ao Sul, na região que contempla o Irã e a Turquia. Propositamente, os soviéticos retardaram a retirada das tropas, seguindo as ordens de Stalin, que procurava se beneficiar mais uma vez com concessões na região e “eliminar o que considerava vulnerabilidades no Sul”, algo que não foi bem recebido pelos estadistas anglo-americanos, reconhecendo que o líder soviético estaria abusando os limites da cooperação entre os três países (GADDIS, 2007, p. 27). Ao perceber que não possuiria sucesso, Stalin acaba realizando uma lenta e “silenciosa” retirada de suas tropas do Irã, caracterizando um dos fatores que danificaram a relação da União Soviética diante da comunidade internacional, amplificando as tensões que iniciariam a Guerra Fria.

Após esta retirada, os EUA prontamente se instalaram no Irã, alegando defender as fronteiras contra os avanços da esfera soviética (GONÇALVES, 2000, p. 200). Em 1947, outro evento importante ganhava vida. Com os impactos devastadores da guerra, os britânicos se encontravam em uma situação desfavorável, e tiveram que ceder para os levantes populares na Índia que clamavam por independência. O resultado desta separação acabou formando dois estados

independentes, a Índia e o Paquistão. O surgimento do Paquistão como um país independente gerou atritos com o governo afegão, pois era justamente a região que havia sido absorvida pelos britânicos no acordo feito após a guerra anglo-afegã¹², região esta que concentrava grande parte da população pashtun posteriormente atribuída ao território afegão. Este atrito consistia entre alas nacionalistas afegãs e paquistanesas e alas unificadoras pashtuns de ambos os países. Como reconhece Leffler em sua obra “*For the Soul of Mankind*”, estas movimentações americanas e soviéticas dentro do oriente acabaram criando tensões que resultariam no início da Guerra Fria, onde claramente estava em jogo a batalha pela influência no globo, evidenciando a ascensão dos blocos considerados como superpotências mundiais. Dentro deste jogo o Afeganistão não sairia ileso, pois consequentemente seria necessário se aliar a alguma face ideológica, tendo em vista que seus vizinhos já estavam se aparelhando aos EUA, que em 1953 já haviam esquematizado um golpe no Irã para instalar um governo alinhado aos interesses norte-americanos através do suporte direto da *Central Intelligence Agency*, a CIA (FERGUSON, 2006, p. 611). Assim como também se aproximaram do recém independente Paquistão, estabelecendo as fronteiras que haviam esquematizado para conter a zona de influência soviética. Já o Afeganistão, não planejava se integrar nesta zona até o dado momento, e se viu inclinado a expandir o nível de suporte que recebia da URSS, abrindo espaço para o apoio bélico e militar em 1956.

Enquanto isso, a abertura política e os avanços na educação afegã¹³ acabaram gerando espaço para que uma classe de intelectuais fosse formada nas escolas e universidades na década de 50 (EWANS, 2005, p. 80). A questão educacional ocupa um papel importante para este processo, pois serve como base para que um governo consiga passar seus ideais para a população de forma horizontal, sendo eficiente em casos como o do Afeganistão, onde há uma população falante de línguas distintas e com diferentes hábitos culturais. Através de um sistema educacional pensado, da mesma forma que coloca Anderson (2008, p. 132) sobre o caso russo, é possível criar uma espécie de coesão entre os diferentes falantes de uma região por meio da implementação escolar de uma língua oficial

¹² Ver páginas 8-9.

¹³ Ver páginas 13-14.

nos setores básicos de ensino. Além da educação primária, um projeto educacional também forma classes intelectuais dentro de sua área de atuação, aparelhando seus integrantes com determinadas ideias e princípios. E, no caso afegão, estamos falando de uma abertura que possibilitou que educadores estrangeiros atuassem nas escolas, trazendo para o país os debates de fora, algo que se mostrou interessante para os apoiadores soviéticos, já que poderiam levar para os afegãos os conceitos e ideais revolucionários, novamente similar a outra reflexão de Anderson (2008, p. 136) onde ele comenta sobre a forma com que as elites intelectuais estrangeiras pensam sobre as produções orientais, tratando-as de forma pejorativa e insignificante. A chegada de conhecimento e bagagem estrangeira, principalmente russa, acabou incentivando a organização de grupos politizados com ideais que se aproximavam aos revolucionários russos, que posteriormente iriam compor partidos políticos clandestinos, já que estes ainda não eram legalizados no país. Ao mesmo tempo que, como reconhece Westad (2007, p. 301), esta formação de uma classe intelectual também gerou afegãos que carregaram a bandeira do islamismo afegão e acreditavam na criação de um governo islâmico no Afeganistão. A oportunidade ainda era favorável para que soviéticos se aproximassem destes grupos orientados mais à esquerda, a fim de fomentar estas ideias e fortalecer a ala revolucionária no Afeganistão. Paralelamente, o cargo de primeiro ministro havia sido clamado por Mohammad Daoud, membro da família real que seria o futuro responsável por negociar uma aproximação com os soviéticos em troca de armas e capital. Mas, somente em janeiro de 1965 que seria fundado o PDPA (*People's Democratic Party of Afghanistan*) com total suporte de Moscou (RUBIN, 2002). Enquanto isso os EUA já estavam cientes da movimentação de suporte soviético no Oriente Médio desde o final da 2ª GM, e sabiam que ali estavam diversos pontos estratégicos geopolíticos e uma boa quantidade de reservas de recursos naturais. Esta época seria marcada pelas negociações americanas e soviéticas para controlar a região do Afeganistão e do Paquistão, que ainda carregavam cicatrizes históricas deixadas após o final do processo de independência afegã, onde a delimitação da Linha de Durand¹⁴, separou os Pashtuns entre o Afeganistão e o Paquistão. Dentro desta situação envolvendo as nações, Rubin (1988) menciona que o presidente americano Eisenhower, diante desta situação geopolítica, decidiu tomar a frente e

¹⁴ Ver páginas 13-14.

apoiar o Paquistão com armamentos, da mesma forma que apoiou o Irã, para que se defendessem de ameaças indianas e afgãs. Durante o mesmo período já havia negado enviar suporte ao governo Daoud em 1954. Diante às alternativas, Daoud optou em ceder à aproximação soviética para conseguir estabelecer uma posição defensiva, vendo que os EUA já estavam atuando nos países vizinhos.

O governo de Daoud não atendeu as expectativas e acabou gerando insatisfação entre os líderes regionais e a classe política. Depois ter aparelhado a máquina estatal e o corpo de oficiais militares com indivíduos favoráveis aos soviéticos, a classe política, em represália, concorda em banir Daoud e sua família dos assuntos políticos no ano de 1964 (RUBIN, 2002). Porém, contando com o exército que ele mesmo havia montado no Afeganistão, Daoud esquematiza um golpe em 1973 para retomar sua posição, mas desta vez como presidente. Coincidentemente o país acabava de se beneficiar com a alta dos preços do petróleo, o que abriu portas para negociações com o Irã, que por sua vez estava sendo financiando pelos EUA. Daoud viu então a oportunidade de se aproveitar dos dois lados divergentes, procurando se aproximar do Irã/EUA e ao mesmo tempo não romper com a URSS, mantendo o maior fluxo de dinheiro ativo possível, de maneira semelhante ao que fizeram durante os conflitos no meio dos impérios britânico e russo. Aqui percebemos que tradicionalmente os governantes afgãos possuem o conhecimento de que seu território tem uma importância significativa para o cenário mundial, e estavam aptos para negociar e aproveitar deste fator para barganhar com a comunidade internacional de forma pragmática.

2.2

O golpe comunista

O jogo que acabara de começar envolvendo a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e os Estados Unidos da América iria impactar na deformação daquele estado afgão que conseguiu se consolidar por um período de tempo sob o poder de Rahman e seus filhos Habibullah e Amanullah, e que voltava à sua forma fragmentada e descentralizada devido às decisões de Mohammad Daoud e por pressão de agentes internacionais. Como foi possível perceber até então, a concepção de nação durante a história do Afeganistão é muito instável, com momentos em que esse reconhecimento chegou a ser alcançado, reunindo as tribos em uma tentativa de formar um grupo hegemônico, e ao mesmo tempo conseguia

facilmente ser fragilizada e retomava a um estado em que não se enxergava um país sólido, e sim um aglomerado de grupos divergentes lutando por protagonismo.

Este período de intervenções modernas no Afeganistão tem sua origem justamente no momento em que Daoud assume a liderança do país em 1973, após derrubar seu familiar rei, Zahir. Como Westad (2007, p. 300) descreve, Daoud foi um líder modernizador que pretendia desenvolver a agricultura, construir redes de comunicação e estabelecer um estado centralizado. O desafio era realizar estes objetivos em um país como o Afeganistão, com uma condição econômica altamente desfavorável, regiões montanhosas que dificultavam a mobilidade e separavam ainda mais os diversos grupos étnicos que estavam presentes no território. Além disso ele ainda deveria conseguir a aprovação de lideranças religiosas e políticas, que ao verem seu estilo de governo, não ficaram satisfeitos. Estas lideranças consistiam em dois grandes grupos. Havia os religiosos, representados por aqueles intelectuais que carregavam a bandeira do islamismo afegão e defendiam a ideia de um estado islâmico, e do outro lado os membros do PDPA. Diante da insatisfação de sua população, Daoud opta por seguir uma doutrina agressiva para lidar com esta oposição ao seu governo, caçando membros da ala religiosa após sofrer uma pequena tentativa de golpe ao final do ano de 1973, resultando em 600 mortos islamistas e fazendo com que a ala religiosa fugisse para o Paquistão. Segundo Westad (2007, p. 301), estes acabaram descobrindo que eram bem-vindos no Paquistão e tinham total suporte de outros islamistas paquistaneses, o que foi útil para compor o exército paquistanês com um número considerável de soldados que apoiavam a causa dos afegãos mais radicais. A repressão também alcaçaria os integrantes do partido comunista a partir da segunda metade da década de 1970, perseguindo suas lideranças. Esta decisão preocupava a União Soviética, pois poderia representar uma possível ruptura do governo afegão, o que fez com que os órgãos de inteligência como a KGB atuassem ainda mais de perto do PDPA, procurando amenizar a situação. O que dificultava a situação do partido era que dentro dele havia uma rivalidade que só prejudicava o objetivo final dos comunistas, que era a divisão de duas facções divergentes: os Khalq e os Parcham. Por mais que ambas defendessem os mesmos fins, possuíam meios diferentes para alcançá-los, onde os Khalq preferiam uma abordagem mais radical para instalar o comunismo no Afeganistão através da revolução das massas e classes rurais,

enquanto os Parcham optavam por uma estratégia gradual e moderada, visando alcançar o comunismo afegão ao final do processo, estes eram compostos majoritariamente por indivíduos das classes médias urbanas. Estas diferenças já haviam sido percebidas em Moscou, que reconheciam o dano que poderiam trazer a causa revolucionária que o partido afegão estava carregando. Em uma carta escrita em 8 de janeiro de 1974 para o embaixador soviético em Kabul, houve uma recomendação para que as lideranças Parcham e Khalq fossem comunicadas de que esta briga interna estaria enfraquecendo o PDPA e suas lideranças, assim como estaria “introduzindo uma rachadura nas hierarquias das forças progressivas e no movimento democrático como um todo” (RGANI, 1974). Além disto a carta chama a atenção dos líderes para que atentem ao crescente número de esquemas e sabotagens maliciosas que estariam sendo armados por apoiadores de regimes anteriores, e para que invistam em fortalecer o regime republicano e a base social afegã.

Em resposta às medidas repressivas de Daoud que estavam perseguindo e prendendo lideranças do PDPA, o líder da facção Khalq, Nur Muhammed Taraki, organizou um levante para depor o governo e retirar Daoud Khan do poder em 1978, temendo perder todo o seu contingente para a repressão. Melvyn Leffler (2007, p. 303) afirma que esta decisão não estava planejada pelos soviéticos, e que tanto o embaixador Aleksandr Puzanov quanto o Kremlin não estariam esperando por isso e acreditavam que Daoud ainda conseguia manter uma boa relação com eles, não havendo a necessidade deste golpe. Porém, com o golpe efetuado e o poder nas mãos dos Khalq não havia mais como voltar atrás, eles deveriam procurar manter o controle da situação, e com toda a certeza a União Soviética faria o possível para ajudar de todas as maneiras disponíveis, ainda que deixassem explícito que preferiam os meios defendidos pela facção moderada Parcham. Taraki, com o apoio de seu vice Hafizullah Amin, planejava eliminar o líder dos Parcham, Babrak Karmal e o resto de sua facção, comunicando o Politburo em Moscou (WESTAD, 2007, p. 303). Ainda segundo Westad, em uma conversa entre o Ministro do Interior Nur Ahmad Nur e Karmal, o plano foi revelado, seguindo o favoritismo dos soviéticos ao demonstrarem receio e medo da forma com que os Khalq estariam agindo no país. A situação desfavorável de Karmal no partido ficou ainda mais evidente em uma outra conversa em 18 de junho de 1978, desta vez com Alexander

Puzanov, embaixador soviético. O registro da conversa traz que Karmal o informou de que estava sendo mantido em isolamento, que não possuía engajamento ao redor das decisões do PDPA, e que de fato, Amim e Taraki estavam deliberadamente tomando decisões extremas, colocando em risco milhares de comunistas no Afeganistão (RGANI, 1978). Por mais que os soviéticos estivessem enviando suporte e recursos para o Amin e Taraki, ainda recomendavam que estes líderes procurassem resolver os problemas da comunidade, se aproximando das populações rurais e amenizando a situação com os líderes religiosos. Ainda assim, ambos resolveram administrar da forma mais radical, ignorando as recomendações de Moscou, prejudicando ainda mais as relações com os opositores, o que resultou em uma caça às bruxas em 1978, perseguindo e eliminando figuras notórias Parcham e representantes do movimento islamista afegão (WESTAD, 2007, p. 304). A intenção era fundamentalmente implantar o comunismo no Afeganistão a qualquer custo, e, supostamente, deixariam claro para a União Soviética que seguiriam suas ordens à risca, enquanto na realidade Amin e Taraki estavam fazendo da forma que bem entendiam. Tal situação não era exclusiva ao processo revolucionário afegão, se pensarmos que esta divergência na forma com que a implementação do comunismo é defendida por diferentes vertentes da ideologia também foi presente no processo russo no início do século XX. No caso afegão a opção escolhida por Taraki e Amin era a opção agressiva e imediata, deixando de lado a ideia de alcançar o comunismo de maneira gradual e lenta.

A perseguição violenta contra os opositores acabou gerando revoltas dentro do país, onde levantes insurgentes, que por sua vez já estavam se organizando há alguns anos, começaram a movimentar levantes contra os comunistas do PDPA. Ao conseguirem tomar controle da cidade de Harat, os dissidentes perceberam que possuíam uma força considerável, e ainda se favoreceram de diversas deserções dentro do exército afegão, fragilizando ainda mais o poder dos Khalq. Deste ponto em diante a revolução estava em perigo, Taraki e Amin não conseguiriam contornar a situação sem um apoio drástico da URSS (LEFFLER, 2007, p. 307).

Este período seria marcado pela luta de narrativas e influência dentro do Afeganistão, enquanto os soviéticos procuravam alinhar mais um país ao ideal comunista, os EUA investiam em meios para frear a revolução e aproximar o país a uma concepção nacional compatível com o modelo norte-americano. Fato é que,

já em 1973, havia documentos americanos indicando a dependência máxima do Afeganistão em relação a URSS para conseguir manter o governo, economicamente e militarmente. Em um memorando de inteligência de janeiro de 1973 (CENTRAL INTELLIGENCE CENTER, 1973) são listados múltiplos registros de envio de automóveis militares, armamentos e acordos econômicos que seriam essenciais para que o país conseguisse se sustentar. Além disso, conversas da embaixada americana em Kabul também reconheciam e confirmavam estes dados.

Por volta da metade de junho, a embaixada americana em Kabul reportou a Washington que o novo governo “era impressionantemente dependente da União Soviética. Ele não consegue se manter no poder sem ajuda soviética. Ele depende cem por cento da União Soviética para fornecer recursos militares e equipamentos, e cada vez mais de assistência econômica da União Soviética... e para trocas”. (ELIOT, 1978, apud LEFFLER, 2007, p. 305, tradução nossa)¹⁵

Por mais estranho que pareça, como explica Gaddis (2006, p. 200), os americanos se mostraram mais preparados para a revolução comunista afegã do que os próprios soviéticos. Mantinham contato com o vice de Taraki, Amin, que posteriormente se mostrou rival, e que os atualizava sobre a situação dentro do Afeganistão, informando os americanos que realmente nenhuma parcela da população estava apoiando o governo de Taraki. Desta forma os EUA sabiam que, se necessário, poderiam tentar investir e apoiar as revoltas religiosas que estavam indo contra os comunistas no país, de maneira indireta ainda, contando com a parte logística paquistanesa que também estava apoiando os levantes fundamentalistas afegãos, que passaram a ser identificados como rebeldes ou insurgentes.

Diante das insurgências e da falta de controle nas mãos de Taraki, o mesmo clamou por uma medida drástica por meio da União Soviética, alegando que seria necessária uma intervenção militar para que a revolução não fosse interrompida pelos insurgentes religiosos. E por mais que estivessem receosos, os soviéticos acabaram concordando em invadir militarmente o Afeganistão para tentar manter o processo revolucionário em andamento ao final de 1979 (GADDIS, 2006, p. 200-

¹⁵ “By mid-June, the U.S. embassy in Kabul reported to Washington that the new government “was overwhelmingly dependent on the Soviet Union. It cannot stay in power without Soviet help. It relies one hundred percent on the Soviet Union for military supplies and equipment, and increasingly on the Soviet Union for economic assistance... and for trade.”

201). Taraki, ao notar que Amin estava trabalhando contra os planos do partido e os denunciando para os EUA, decide que seria melhor eliminá-lo, porém não obtém sucesso e, posteriormente acaba sendo capturado por seu rival. Consequentemente, para pagar pela sua tentativa falha de assassinato, Taraki acaba sendo executado por Amin, garantindo a ele a liderança do país, algo que causou um extremo desconforto nos agentes de inteligência da União Soviética, temendo que Amin contornasse a situação chamando os americanos para combater a entrada soviética no país (GADDIS, 2006, p. 201). O jeito de resolver a situação e eliminar o possível risco de um confronto maior com os EUA seria retirar Amin do poder e substituí-lo por outro líder que estivesse de acordo com os objetivos soviéticos, e, para isso, poderiam contar com a presença militar do Exército Vermelho no país, o instrumento que seria capaz de retirar Hafizullah Amin do poder. Além do medo da possibilidade de uma entrada direta norte-americana no cenário, os soviéticos ainda deveriam lidar com a ascensão dos grupos revoltosos que pegavam em armas contra a presença comunista em terras afegãs.

3

O projeto de suporte norte-americano dentro do Afeganistão

A interferência norte-americana causaria um grande impacto dentro do país, afetando diretamente a organização social que havia ali. O resultado desta investida dos EUA que armou e aparelhou os grupos insurgentes durante a invasão soviética foi amargo, pois ainda que obtivessem sucesso no combate a presença do Exército Vermelho no Afeganistão, iriam gerar muitos problemas para eles em um futuro não tão distante. Além de alterar completamente a lógica de organização social do país, o projeto americano acabou gerando a ascensão de organizações religiosas extremistas na região, estas que se tornaram as próprias lideranças do país.

3.1

A estratégia norte-americana para combater a presença soviética no Afeganistão

Andrew Hartman (2002) conta que este período no Afeganistão é perfeito para compreendermos como os EUA pensam ao formular sua política de relações internacionais. Ao analisar o caso afegão, Hartman enxerga que a decisão da URSS em invadir e intervir na soberania do Afeganistão, coloca em risco toda a área de influência americana em torno do Golfo Persa e do Mar Árabe, coincidentemente uma região rica em petróleo (HARTMAN, 2002, p. 467). Então, a resposta americana nessas situações é evidente, defender sua própria zona de domínio internacional para garantir a segurança destas mesmas e consequentemente a segurança norte-americana. Neste caso, o jeito mais viável de combater os soviéticos seria através da ligação entre os órgãos de inteligência, como a CIA, com os rebeldes afegãos, identificados como aqueles islamistas radicais. Para isso, alguma estratégia engenhosa deveria ser pensada, pois mobilizar as tropas e enviá-las para o Afeganistão para enfrentar o Exército Vermelho em campo de batalha envolveria muitos gastos, baixas, e ainda geraria uma guerra em escala mundial, algo que não era idealizado por nenhum dos lados. A saída foi garantir o suporte aos opositores dos comunistas com missões e projetos secretos com o auxílio do Paquistão, que como já foi mencionado, cooperava com os guerrilheiros islamistas afegãos. Estas movimentações e intenções da CIA por mais secretas que se diziam ser, foram notadas e reportadas em uma nota por agentes da inteligência soviética em 1980 (LYAKHOVSKIY, 1980). Nesta nota, possivelmente da KGB, diversos

detalhes referentes ao suporte físico americano aos insurgentes são transmitidos. Nela podemos observar algumas datas que foram destacadas com ações relevantes, como a viagem de oficiais americanos para o Paquistão, a construção de um centro de treinamento para os rebeldes afegãos em Sarabrud, Paquistão, em março de 1980, o envio de 4,000 armamentos químicos, e claro, a injeção de quinze milhões de dólares para as lideranças insurgentes, após a aprovação do congresso americano em abril de 1980. Estas informações acabaram chegando na grande mídia, e poderiam realmente ser verídicas, se observarmos algumas notícias relatadas alguns anos atrás cobrindo a fala de um diretor da CIA. Em novembro de 1975, foi noticiado no jornal *The Washington Post* (THE WASHINGTON POST, 1975) que o então diretor da CIA, William E. Colby, declarou publicamente que defendia o envio secreto de equipamentos bélicos como uma atividade completamente legal durante tempos de paz. Na ocasião, o diretor estava respondendo a um questionamento sobre o envio de milhões de dólares em armamentos feitos para rebeldes curdos no Iraque há alguns anos atrás. Para Colby esta prática deveria ser normal, da mesma forma que os franceses enviaram armamentos para os americanos durante a Revolução Americana. Então percebemos que esta política de armar levantes rebeldes internacionalmente já era algo defendido pelo alto escalão dos EUA, e não seria diferente no caso afegão, tendo em vista que o objetivo final norte-americano é se manter em uma posição geopolítica favorável, independentemente de que espécie ideológica seja necessário apoiar.

Enquanto isso, nos terrenos montanhosos afegãos, o Exército Vermelho não conseguia obter muito sucesso combatendo os insurgentes. Goodson (2014, p. 59) escreve que os *mujahideen* conseguiam lidar com os soviéticos de maneira exímia, ainda que contando com uma desvantagem numérica absurda, ao compararmos os poucos milhares de afegãos a um contingente de aproximadamente 100,000 soldados do exército soviético. *Mujahideen* eram chamados aqueles combatentes islâmicos que estavam empreitando a guerra contra os estrangeiros soviéticos dentro do Afeganistão. A palavra está relacionada com o termo *Jihad*, a guerra santa dos muçulmanos, e significa algo semelhante a “guerreiro sagrado”, atribuído a todos os homens que combatem as forças infiéis. Controlando algumas cidades importantes como Herat e Kandahar, os rebeldes se destacavam em missões noturnas e em ataques que realizavam com o uso intencional dos elementos

topográficos a seu favor e elementos estratégicos de guerrilha. Lembrando exatamente seus antepassados quando combatiam estrangeiros há milênios atrás. A União Soviética não tinha outra estratégia a não ser a utilização total de seu poderio bélico, então basicamente lançavam ataques aéreos e de artilharia altamente destrutivos em todas as regiões em que eles não estavam ocupando, o que acabava resultando em um grande número de inocentes atingidos. A devastação era a única chance de enfraquecer a resistência afegã, porém deixava rastros de horror e atrocidades cometidas contra todos os afegãos. Segundo Goodson (2014, p. 60-61), isto fez com que o Afeganistão, já em 1981, relativamente em pouco tempo de guerra, já fosse considerado um dos países com mais refugiados no mundo, contando com cerca de três milhões que fugiram para o Paquistão e mais aproximadamente 1,5 milhão de refugiados que se deslocaram para o Irã. Estas pessoas não tinham escolha, já que a tática soviética consistia em devastar a maior parcela possível do território civil para enfraquecer a resistência. Os armamentos “secretos” que chegavam aos guerrilheiros por meio estadunidense conseguiam manter a resistência viva. Mas por outro lado, como reportou o jornalista Henry Brandon para o jornal *The Washington Star* (THE WASHINGTON STAR, 1980), estas informações a respeito de envio de armamentos para o Afeganistão acabavam vazando e conseqüentemente chegavam aos oficiais soviéticos, que por sua vez, as utilizavam como argumento para defender sua invasão no país, para defendê-lo contra os rebeldes armados pelos americanos.

Ao mesmo tempo, estes casos de barbárie realizados pelos soviéticos acabavam fortalecendo também uma narrativa favorável aos norte-americanos dentro do Afeganistão. Observamos aqui uma pura batalha para estabelecer um alinhamento global com o Afeganistão, o que a definiria seria justamente o lado que representava a justiça, ao menos aos olhos da comunidade internacional. E, no meu entendimento, os EUA realizaram um trabalho bem eficiente. Desde o início da invasão soviética, os comunicados presidenciais sempre tentaram se demonstrar moralmente corretos, atribuindo aos Estados Unidos uma imagem e o próprio papel de justiceiros, sendo que, ao mesmo tempo que criavam esta impressão, jamais foi mencionado em uma destas mensagens o fato do governo estar enviando recursos militares para apoiar a insurgência. Segue como exemplo um dos comunicados feitos pelo presidente Jimmy Carter a respeito da situação no Afeganistão em 1980:

A tragédia que vem se desenrolando no Afeganistão nos últimos 12 meses vem impactando profundamente todos os americanos. Nós temos observado o exército soviético empregar um poder fogo massivo e táticas cada vez mais brutais. Nós estamos vendo fileiras de refugiados afegãos fugindo da devastação e da opressão política e religiosa que já somam mais de 1.2 milhão apenas no Paquistão. E em meio a este cruel espetáculo, nós estivemos animados em testemunhar a brava resistência do povo afegão, que segue em sua luta por independência e pelo direito de determinar seu próprio futuro político. (CARTER, 1980, tradução nossa)¹⁶.

Nesta declaração percebemos uma clara intenção em identificar publicamente quem é o inimigo neste evento, algo que tradicionalmente sempre foi explorado pelos americanos. A estratégia de se criar um inimigo desta forma já era algo que o governo americano possuía expertise, porém, como bem coloca Andrew Hartman (2002, p. 469), o principal motivo para os EUA estarem se envolvendo neste conflito e apoiando de forma intensa os guerrilheiros insurgentes era algo do espectro econômico, exatamente, proteger a zona de extração de petróleo no Oriente Médio, que estava nas suas mãos. Esta proteção do petróleo era algo de suma importância para os EUA, já que, segundo Leffler (2007, p. 335), caso a União Soviética passasse a controlar as regiões de extração no Golfo Persa e no Oriente Médio, que representavam dois terços de toda a exportação de petróleo do mundo, consequências radicais atingiriam o mercado ocidental, e, principalmente os EUA. Por este motivo a defesa daquela região era tão visada pelos norte-americanos, justamente por representar um risco enorme para o mercado caso fosse conquistada pelo inimigo. Então, como é possível notar, o posicionamento adotado ia muito além de simplesmente defender o direito de autodeterminação dos povos afegãos e patrocinar a criação de uma nação alinhada aos EUA, servia unicamente para defender os próprios interesses norte-americanos em primeiro lugar. Mas por uma questão de relações públicas, os comunicados oficiais do governo jamais revelariam suas reais intenções, pois fazia muito mais sentido atribuir a eles mesmos o lugar de destaque, e mais importante ainda, o status de justiceiros no meio do conflito.

¹⁶ The tragedy that has continued to unfold in Afghanistan over the past 12 months weighs heavily on all Americans. We have watched the Soviet armed forces employ massive firepower and increasingly brutal tactics. We have seen the ranks of Afghan refugees fleeing devastation and political and religious oppression at home swell to more than 1.2 million in Pakistan alone. And amid this grim spectacle, we have been heartened to witness the brave resistance of the Afghan people, who have continued their struggle for independence and the right to determine their own political future.

Este ponto também é explorado por alguns autores que atribuem o conceito do “excepcionalismo americano”, inspirado em algo que foi idealizado por Alexis de Tocqueville, com a ideia de que os americanos possuem um status democrático único e excepcional, altamente diferenciado do resto das nações. Noerzay (2017, p. 6) afirma que essa teoria excepcionalista americana continuava a ser idealizada pelo governo dos EUA, vendo que este envolvimento nos assuntos afegãos seria fruto de uma construção que coloca os Estados Unidos como a única nação que consegue realizar transformações positivas em direção à liberdade e democracia de outros Estados. Esta ideologia americana os coloca como os líderes globais, e consequentemente os estampam a função de derrotar os “reais inimigos” da liberdade, os soviéticos. Isto é tão forte que parece até confuso, onde podemos observar os EUA apoiando a construção de uma nação afegã a partir de guerrilheiros fundamentalistas islâmicos, algo que deveria contrastar com a ideia de nação excepcional americana. Mas, a narrativa que trazia como porta-bandeira era a busca pela liberdade dos povos e o afastamento dos regimes autoritários e do terror que estes traziam, como o presidente Carter mesmo dizia, “os soviéticos eram inimigos implacáveis e sua invasão no Afeganistão representava a maior ameaça à paz mundial desde 1945” (CARTER, 1980, apud WESTAD, 2007, p. 328). Esta batalha contra as iniciativas comunistas se torna explícita ao observamos a quantidade de programas de autoria americana que visavam “combater governos comunistas no Terceiro Mundo, incluindo Yemen, Angola e até a pequena ilha-estado caribenha de Granada” (WESTAD, 2007, p. 329). Poucos anos mais tarde, em 1983, Reagan novamente confirma este sentimento contra a URSS através de seu discurso que ficou popularmente conhecido como “O Discurso do Império do Mal” (REAGAN, 1983). Neste, Reagan comenta sobre as investidas soviéticas em países que estão sendo “vítimas do império do mal”, e segue tecendo alguns comentários polêmicos como o seguinte: “Eu iria preferir ver minhas pequenas meninas morrendo agora, ainda acreditando em Deus, a ter que criá-las debaixo do comunismo e um dia morrerem sem acreditar mais em Deus.” (REAGAN, 1983). Acredito que não há uma maneira mais explícita em enviar a mensagem ao mundo de que o governo americano está se guiando por uma narrativa antissoviética. Em outras partes de seu discurso, Reagan ainda acrescenta que os soviéticos são o foco de todo o mal que existe no mundo moderno, e que esta sua fala era direcionada

para todos aqueles que ousavam colocar os Estados Unidos da América em uma posição militar e moral inferior.

Mais evidências para o fato de que esta visão estava sendo utilizada pelo governo americano se tornam mais claras conforme os informes presidenciais vão se alterando ao passar dos anos que marcam a invasão soviética no Afeganistão. Um ano após o primeiro comunicado de Carter sobre o evento, o presidente Reagan, que assumiu o cargo em 1981, solta uma declaração semelhante a que Carter havia soltado. Mas desta vez o presidente alterou algumas palavras, ao invés de apenas tratar os afegãos como bravos e corajosos, Reagan passa a utilizar bastante o termo “*freedom fighters*” (REAGAN, 1981). Esta mudança foi efetuada justamente para aproximar a luta dos *mujahideen* para mais perto do povo americano, para talvez gerar mais empatia com a causa e afastar da noção pública as reais intenções do governo. “O controle soviético se estende pouco além das grandes cidades, e mesmo lá os combatentes da liberdade afegã continuam a lutar de noite e até o dia. A batalha pela independência afegã continua.” (REAGAN, 1981). Como Noerzay (2017, p. 23) diz, a retórica excepcionalista americana requer este posicionamento caracteristicamente missionário em relação ao resto das nações, e, neste caso afegão, estavam apenas aplicando mais um de seus programas de “construção de nação”, semelhante ao que fizeram com o Plano Marshall de 1947, com a Guerra do Vietnã ou até com o projeto da Aliança para o Progresso que ocorreu na América do Sul. E, no fim, só visava defender os interesses individuais dos EUA.

No caso afegão, os impactos desse investimento em massa em cima de grupos radicais fundamentalistas seria observado somente décadas a frente, mas até o final dos anos 1980 era a medida certa aos olhos norte-americanos. Como Ferguson (2006, p. 639) observa, isto foi algo bastante irônico, pois eles estavam espalhando, investindo e capacitando militarmente um movimento político islâmico, que fundamentalmente era contra a ideologia laica de um estado liberal-democrático. Este era justamente o fator que tornaria a luta soviética contra os insurgentes tão complicada, especialmente por terem sido treinados e armados pela CIA. O autor continua e diz que os norte-americanos estavam simplesmente seguindo “o antigo princípio de que o inimigo do meu inimigo é meu amigo” (FERGUSON, 2006, p. 639).

Chegando a este ponto, percebe-se que o Afeganistão acabou abandonando toda a sua construção identitária que havíamos visto em seus primeiros flertes com uma união originada de dentro do país, e passava a ser praticamente um tubo de ensaio para experimentos estrangeiros: de um lado os soviéticos procurando implantar um regime comunista, e do outro os norte-americanos buscando “libertar” os afegãos da presença soviética. Toda a organização legítima que havia no território, com as hierarquias tribais e diferenças étnicas, ficava para trás, dando espaço a essa nova categoria de unidade que emergia através da resistência religiosa.

3.2

O impacto do investimento massivo dos EUA em grupos insurgentes fundamentalistas

A mobilização e envio de recursos para a resistência afegã foi um elemento determinante para o resultado da guerra. As intenções da Casa Branca eram claras, observando que com pouco mais de um mês após o dia da Invasão Soviética, os EUA já estavam estudando a possibilidade de expandir o programa de auxílio que estava em curso. O Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos, Zbigniew Brzezinski, na mesma época, ainda visitou autoridades da Arábia Saudita em busca de mais suporte para os *mujahideen* (WESTAD, 2007, p. 328-329). Ele mesmo dizia que o Afeganistão deveria se tornar o “Vietnã Soviético” (BRZEZINSKI, 1979, apud WESTAD, 2007, p. 329). A diferença estaria na forma com que este “Vietnã Soviético” seria planejado, considerando que desta vez os EUA já haviam aprendido sua lição vietnamita, e não iriam mobilizar suas tropas nacionais para combater no outro lado do oceano. Para isso precisavam de aliados dispostos a lidar com a parte física do combate. Desta forma, o plano norte-americano consistia basicamente em investir radicalmente nas forças insurgentes afegãs e minar a esfera soviética e comunista. E beneficiando os EUA, esta interferência acabou sendo bem-vinda diante da comunidade internacional islâmica, contando que, segundo Westad (2007, p. 329), durante o Encontro de Islamabad¹⁷ em janeiro de 1980, 35 nações se posicionaram fortemente contra os abusos

¹⁷ Este encontro, realizado em Islamabad (Paquistão) em 1980, contou com a presença de diversas nações de matriz islâmica, conhecida como Conferência Islâmica, para decidir o posicionamento de tais nações em relação à invasão soviética no Afeganistão.

empreitados pela União Soviética dentro do Afeganistão. Tal posicionamento tornava a atuação norte-americana nos assuntos islâmicos uma ajuda estratégica e necessária. Em relação ao parecer das demais nações que integravam o quadro da Organização das Nações Unidas, grande parte dos representantes já havia se posicionado em defesa da retirada das tropas soviéticas do território afegão, conseqüentemente apoiando ou mantendo-se neutros a respeito da interferência dos EUA.

A entrada de armamentos, suprimentos e veículos militares fornecidos pelos EUA, possibilitou que a resistência afegã demonstrasse uma força considerável contra os soviéticos. Mas, de qualquer forma, ainda precisavam de mais guerrilheiros para assegurar que conseguiriam forçar uma retirada das tropas inimigas, ao invés de apenas manter o conflito em um impasse. Isto não seria uma tarefa fácil, pois como já foi dito, o fluxo de evacuação da população era constante, restando poucos civis afegãos em condições de ingressar no conflito, além dos guerreiros que compunham a insurgência. Estes que não possuíam condições de fugir da guerra foram obrigados a permanecer com suas famílias em suas casas, o que acabava expondo-os aos terrores da guerra e colocando seus filhos e entes queridos em risco de vida. Os ataques soviéticos de artilharia, bombardeios aéreos e a instalação de minas terrestres em regiões habitadas eram constantes e propositais, a fim de enfraquecer e destruir a condição daqueles que permaneciam no território. Tais práticas prejudicavam o país durante a guerra, mas foram ainda piores ao final do conflito, pois os afegãos retornariam às suas casas em um terreno repleto de explosivos e armadilhas soviéticas que não haviam sido disparadas. Neste ponto vamos observar mais uma vez a forma com que a religião muçulmana foi utilizada como pretexto unificador dentro do país. Os boatos sobre a invasão eventualmente chegaram até outros países muçulmanos, como o Egito, Irã, Síria, que por sua vez também contavam com uma parcela de suas populações envolvidas em movimentos religiosos mais fervorosos. Neste ponto, a inteligência americana sabia que existia a oportunidade perfeita para fortalecer e unificar as forças de oposição afegãs, colocando em jogo um componente revolucionário anticomunista (WESTAD, 2007, p. 331). Entre esta parcela estavam alguns atores notórios, como o egípcio Ayman al-Zawahiri, um médico cirurgião que seguia uma mentalidade islâmica bem radical e “acreditava que o Egito se tornaria um ponto de reunião para

o restante do mundo islâmico, liderando-o em uma *jihad* contra o Ocidente” (WRIGHT, 2007, p. 36). Entretanto, devido aos fatores geográficos e sociais do Cairo, Zawahiri desacreditava da possibilidade de empreitar uma *jihad*, e avistou a oportunidade de fazê-la no Afeganistão, em meio à situação que este vivia. Decidiu então viajar até lá para auxiliar os refugiados afegãos na fronteira com o Paquistão, acompanhado de um pequeno grupo de indivíduos advindos de nações árabes.

Um fenômeno estava em curso, que fazia com que o sentimento de dever fosse estimulado entre os islamistas fundamentalistas, compelindo-os a ajudar seus irmãos religiosos afegãos na batalha contra os infiéis soviéticos. Aqui uma nova configuração de unidade surgia, ultrapassando os limites nacionais. A vivência dos primeiros estrangeiros islamistas entre os guerrilheiros afegãos foi marcante, principalmente para Zawahiri, que ficou encantado com a determinação e coragem dos *mujahideen*, se convencendo a dedicar-se em recrutar mais “guerreiros santos” dispostos a lutar por sua religião (WRIGHT, 2007, p. 43). Wright (2007, p. 44) ainda comenta que neste processo houve um ponto interessante, ainda que Zawahiri carregasse em sua ideologia uma aversão ao Ocidente, incluindo os EUA, ele reconhecia que o suporte estrangeiro era fundamental para a luta no Afeganistão, então dizia que estariam usando a guerra como treinamento, para posteriormente levar a *jihad* para o resto do mundo ocidental. Algo semelhante ao que Westad analisa diante deste cenário, ao afirmar que para os islamistas a prioridade era destruir o regime “marionete” (PDPA) que abriu as portas do país para os estrangeiros infiéis, e para isso deveriam matar o maior número de soviéticos que pudessem (WESTAD, 2007, p. 350). Esta mentalidade *jihadista* acabou atraindo muitos fiéis para a causa. Além dos jovens voluntários, o chamado islâmico também trouxe figuras como Zawahiri, pessoas que integravam a classe intelectual da sociedade muçulmana que compactuava com os ideais extremados, trazendo uma concepção mais profunda para a resistência. Exemplos desta classe foram Osama bin Laden e o xeique Abdullah Azzam, ambos advindos de famílias abastadas e que possuíam nível superior de educação (WRIGHT, 2007, p. 97). Estes indivíduos seriam a base da ascensão fundamentalista dentro da resistência afegã, atribuindo-a uma nova face. Azzam era um líder religioso altamente persuasivo, e através de sua posição espalhava os feitos afegãos como verdadeiras lendas para angariar mais rebeldes, da mesma forma que Zawahiri fazia. Bin Laden, por sua vez, contribuía

com a causa investindo monetariamente na resistência e recrutando jovens sauditas por meio de uma facilitação em adquirir passaportes e outros documentos clandestinos para aqueles que estivessem dispostos a se alistar.

A crescente chegada de novos voluntários da causa afegã a princípio agradava os EUA, pois contariam com mais guerrilheiros para combater os soviéticos. Porém havia um fator nesta equação que lhes trariam complicações futuramente. Este fator se localizava justamente no perfil dos jovens que aderiam à resistência, como Wright descreve:

Aqueles idealistas abandonados vinham naturalmente procurando um líder. Tinham pouco a que se apegar, exceto a causa e uns aos outros. Como pessoas apátridas, naturalmente se revoltavam contra a própria ideia de Estado. Viam-se como um grupo sem fronteiras incumbido por Deus de defender todo o povo muçulmano. (WRIGHT, 2007, p. 108)

O problema estava aqui. Enquanto esta emergente massa de insurgentes se aglomerava, radicais como Azzam, Osama e Zawahiri já estipulavam como passar para todos os guerrilheiros a mentalidade extremista e fundamentalista que eles tanto cultivavam. A religião se tornava uma arma ainda mais ameaçadora com a disseminação de discursos fervorosos que inflamavam o ódio ao infiel e incentivavam o martírio daqueles pecadores, que encontravam ali a chance de serem perdoados e aceitos no paraíso (WRIGHT, 2007, p. 110). Este tipo de discurso encantava jovens muçulmanos ao redor do mundo, radicalizando-os e atraindo-os para a *jihad*. Wright (2007, p. 112) segue dizendo que esta mensagem idealista acabou criando uma concepção geral no meio dos rebeldes de que a guerra contra a União Soviética seria apenas o início de um processo contínuo. Após a libertação do povo afegão, partiriam para a restauração das antigas dominações muçulmanas na Europa, e posteriormente avançariam para uma escala global, o que significava uma guerra eterna contra os infiéis. Discursos radicalizados como este eram muito perigosos, pois ainda que levantassem a moral das tropas afegãs, potencialmente poderiam se intensificar e resultar em algo desastroso.

Percebe-se que a investida dos EUA/Arábia Saudita estava obtendo sucesso ao custo de grandes quantias de dinheiro e recursos, e, paralelamente, devemos lembrar que este conflito também afetava os cofres e a população da União Soviética de forma trágica. Aliás, era necessário manter todo o aparato militar que

sustentava o levantamento das tropas baseadas no Afeganistão (que até a metade dos anos 80 contabilizariam cerca de 120.000 homens), e não estavam em uma posição favorável no placar da guerra. Além do fato de que as tropas soviéticas não estavam preparadas militarmente para atuar em um ambiente inóspito, como o presente no Afeganistão, ainda eram prejudicadas pela parcela da população afegã que decidiu ficar em suas casas. Estes civis que permaneceram na região estavam fazendo o possível para auxiliar os *mujahideen*, alimentando-os, abrigando-os e denunciando as movimentações soviéticas (WESTAD, 2007, p. 349). Estes eram obstáculos que tornavam a presença do Exército Vermelho no Afeganistão desafiadora, o que acabava abalando a moral de seus soldados. Diante de tais circunstâncias, a situação era desmotivadora até para a ala pró-invasão em Moscou, que se via sem muitas alternativas e teorizava a possibilidade de bater retirada, observando que não seria possível impedir o infundo envio por meio paquistanês de recursos militares para os afegãos, muito menos dar um fim ao movimento dos *mujahideen*, algo que nenhuma nação estaria disposta a fazer naquele momento (WESTAD, 2007, p. 351). E realisticamente a situação era esta, onde havia o perigoso levante radicalizado afegão motivado a prosseguir com a guerra, os países árabes interessados na possível conquista dos afegãos, e os EUA dispostos a prosseguir com o seu suporte aos insurgentes com a finalidade de fazer a URSS “sangrar”, em referência a expressão utilizada pelas autoridades do governo norte-americano. Em suma, os prospectos desta guerra para os soviéticos eram majoritariamente negativos.

Contando com a predisposição norte-americana em enviar armamentos para os afegãos, o governo paquistanês e as lideranças *mujahideen* aproveitavam para tentar extrair o máximo que podiam desta relação, lembrando que neste momento já circulava pelos rebeldes a ambição de um dia levar a jihad para os EUA, seguindo o discurso extremado fomentado por Azzam e aqueles que compactuavam com este. As negociações normalmente eram favoráveis aos afegãos, vendo que os Estados Unidos estavam dispostos a fazer o possível para que a URSS fosse derrotada, acreditando desmoralizar a ideologia comunista com tal resultado. Sendo assim, de forma polêmica, o congresso americano, entre 1984 e 1986, acaba aprovando o envio de um armamento que mudou completamente o cenário da guerra em favor dos *mujahideen*, os mísseis Stinger. Tais mísseis eram lançados por um armamento

portátil que poderia ser carregado por um guerrilheiro sozinho, e tinha a capacidade de derrubar aeronaves com facilidade, desabilitando a eficiência do uso de helicópteros de ataque soviéticos. De acordo com diversos autores (LEFFLER, 2007, p. 405-406; WESTAD, 2007, p. 355; WRIGHT, 2007, p. 113) este foi um dos fatores mais importantes para a guerra, aquele que definiu seu futuro. A partir deste momento conseguimos enxergar a capacidade destrutiva que os grupos insurgentes estavam obtendo. Além de contarem com o treinamento fornecido por uma das forças militares mais otimizadas do planeta, detinham meios bélicos extremamente avançados para empreitarem em suas causas jihadistas que tanto almejavam.

Diante de tal situação, ao final de 1986, a União Soviética encontrava dificuldade em enxergar uma solução para contornar sua posição no conflito. A ineficiência das operações comandadas pelo numeroso Exército Vermelho acabava desmoralizando seus soldados, que não conseguiam controlar as áreas que invadiam, e se mostravam “prejudicadas pela falta de inteligência adequada” (WESTAD, 2007, p. 357). Além do exército, Gorbachev e outras autoridades soviéticas também passavam a desacreditar em seu triunfo, declarando que haviam planos para retirar as tropas do Afeganistão em até dois anos e de certa forma aceitando a derrota para os insurgentes afegãos. Também comentavam que a maior parte do povo afegão estava apoiando os “contrarrevolucionários” (LEFFLER, 2007, p. 407). Ainda neste ano, em uma conversa entre Gorbachev e Karmal, o Secretário Geral soviético disse ao líder do PDPA que este deveria encontrar sua própria maneira de lidar com a insurgência e que deixaria de apoiar o PDPA com tropas, mantendo o envio de armamentos. E que caso desejasse sobreviver, deveria “esquecer o comunismo, respeitar as tradições locais e negociar com as forças verdadeiramente influentes, os *mujahideen*.” (CHERNIAEV, 2000, apud WESTAD, 2007, p. 368). A fala de Gorbachev entregava a postura que a União Soviética havia adotado naquele momento, procurando se afastar da guerra que já havia consumido muitos de seus recursos, especialmente sabendo que seus inimigos contavam carregamentos consideravelmente infinitos provenientes dos EUA. Entretanto, esta intenção da URSS em retirar suas tropas já era algo que as lideranças *mujahideen* especulavam ao final de 1986, o que trouxe uma tensão a respeito de uma possível batalha pelo controle do país após a saída soviética

(WESTAD, 2007, p. 356). Westad segue dizendo que dentro dos acampamentos afegãos a ideologia radical continuava a se propagar, com comandantes discursando contra os Estados Unidos, alegando que estes também eram inimigos do Islã. Outra tática adotada entre os guerrilheiros mais extremistas foi perseguir e hostilizar aqueles grupos que acreditavam em uma corrente islamista moderada, evidenciando que seguiriam a ideologia fundamentalista que era fomentada pelos líderes notórios. A escolha desta medida pautava-se na defesa da integralidade da crença islâmica tradicional, alegando que outras vertentes estariam fragilizando e se desviando da concepção verdadeira.

O Afeganistão, durante esta etapa final da invasão soviética, encontrava-se em um controle eminente sob as mãos dos grupos fundamentalistas. Os frutos da propagação extremista que veio com os estrangeiros árabes estavam sendo colhidos, e desta vez ainda poderia contar com o apoio majoritário do povo afegão, que testemunharia sua libertação graças aos *mujahideen*. O cenário que era idealizado por Osama bin Laden, Abdullah Azzam e Ayman al-Zawahiri de se criar um Estado islâmico estava cada vez mais próximo de se tornar viável, pois já contavam com muitos fatores favoráveis. Por meio da radicalização ideológica da religião muçulmana, estes indivíduos conseguiram criar uma nova unidade que ultrapassava fronteiras nacionais e se voltava a combater os inimigos do Islã. Como Zawahiri dizia: “Aqui estamos: a verdadeira frente islâmica e a verdadeira oposição islâmica contra o sionismo, o comunismo e o imperialismo!” (ZAWAHIRI, apud WRIGHT, 2007, p. 52).

Considerações finais

A conclusão desta monografia trouxe para o debate as complicações geradas dentro do Afeganistão em resultado da interferência norte-americana ao garantir suporte para os *mujahideen*, o que causou um impacto severo na forma com que o país historicamente se estruturava politicamente e socialmente. Durante o percurso traçado nesta monografia, observamos que em seu primórdio, o Afeganistão funcionava com sistemas tribais que lutavam por poder e protagonismo dentro do território, contando com diferenças étnicas, linguísticas e religiosas. Foram utilizados com um verdadeiro laboratório nacional ao longo das diversas invasões e conquistas que sofreram, com a constante dificuldade em concretizar um único modelo. Em raros momentos conseguiam deixar suas diferenças de lado para unir forças e resolver disputas envolvendo a presença de figuras hostis estrangeiras.

Ainda que as tentativas feitas pelo governo afegão em criar uma unificação popular através do uso da religião islâmica de forma coercitiva tenham falhado no passado, acabaram encontrando uma nova chance de cativar a população durante um momento de desespero e aflição. Aproveitando os eventos da Invasão Soviética, o movimento extremista conseguiu espaço para se comunicar com todos aqueles muçulmanos que se encontravam ameaçados em suas casas, órfãos de uma liderança e uma ideologia para seguir. Por meio de discursos inflamados, os intelectuais radicais ergueram um exército de guerrilheiros e apoiadores da causa islâmica, algo que subjugava a antiga ordem estrutural afegã e não era exclusiva do país, tendo em vista que conquistava indivíduos de diversas nacionalidades. E claro, este fenômeno não ganharia tanta tração se não contasse com o auxílio dos Estados Unidos e sua política internacional. Através deste o levante fundamentalista foi aparelhado com armamentos de exímia qualidade e potencial destrutivo, e mais importante ainda, o suporte de nações com governos que apoiavam a causa islamista mais extremada. Este suporte faz com que o controle das forças fundamentalistas afegãs fuja das mãos norte-americanas, o que pode vir a ser um problema imensurável, considerando que as motivações *mujahideen* possuem em seus fundamentos a guerra contra o Ocidente.

Acredito que os pontos trabalhados aqui podem contribuir bastante para os estudos em torno destes eventos históricos que ocorreram no Afeganistão, principalmente por estar lidando com assuntos que não são vastamente explorados

pela pesquisa historiográfica brasileira. Toda esta sequência de acontecimentos, aqui presentes, que envolvem a interferência de gigantescas nações dentro do Afeganistão, consegue explicar de forma precisa o porquê daquele pequeno país ser tão importante para o cenário geopolítico em diversas épocas distantes e singulares. A própria análise documental consegue nos mostrar como os governos atuavam em questões internacionais de forma estratégica, que pode ser observada em conversas envolvendo o contato de representantes nacionais norte-americanos e soviéticos com os atores afegãos, como foi visto em alguns casos trabalhados aqui. Estes casos acabam abrindo um leque de direções a serem exploradas, o que mostra uma certa relevância desta pequena contribuição aqui escrita.

A discussão em torno da conclusão desta monografia abre caminho para uma exploração mais profunda em um possível projeto de mestrado, algo que tenho interesse em realizar. Este aprofundamento seria capaz de cobrir alguns espaços que acabaram sendo pouco explorados, devido ao limite que a diferença linguística acabou colocando. Contando com uma pesquisa que possibilitasse o contato direto com fontes e obras de origem soviética e até afegã, a abordagem em relação à ação e o protagonismo destas nações poderia ser explorado sem depender integralmente de materiais anglófonos. Esta pesquisa ampliada colaboraria muito para a compreensão do resultado da jornada destes rebeldes afegãos que se estendeu ao longo do início da década de 1990, culminando no surgimento de umas das maiores e mais violentas organizações terroristas que o mundo já viu, a Al-Qaeda. Esta deixou cicatrizes no cenário geopolítico moderno e influenciou até outros grupos extremistas como o Estado Islâmico. Então encerro o trabalho aqui, expressando realizar uma continuação futura deste estudo em minha próxima etapa acadêmica.

Referências bibliográficas

1

Fontes

AFEGANISTÃO. Constituição (1923). **Nizamnamah-Ye-Asasi-e-Daulat-e-Aliyah-e-Afghanistan, 20 Hamal, 1302**. Kabul: Loya Jirga, 1923. 13 p. Disponível em: <<https://www.constitution.org/cons/afghan/const1923.htm>>. Acessado em: 4/11/2019.

CARTER, J. **Soviet Intervention in Afghanistan Statement by the President**. Online by Gerhard Peters and John T. Woolley, The American Presidency Project. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/node/250780>>. Acessado em: 19/10/2019.

ESTADOS UNIDOS. Agência de Inteligência Central. **Intelligence Memorandum: Afghanistan: Dependence on Soviet Economic and Military Aid**. 1º de janeiro de 1973, Diretorado de Inteligência. Central Intelligence Agency. Web. <<https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP85T00875R001700050003-2.pdf>>. Acessado em: 15/10/2019.

"Intelligence note concerning actions by the US in aiding the Afghanistan Rebel fighters", September 01, 1980, History and Public Policy Program Digital Archive. In: A. A. Lyakhovskiy's "**Plamya Afgana**" ("Flame of the Afghanistan veteran"), Iskon, Moscow, 1999; Translated for CWIHP by Gary Goldberg. <<http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/111792>>. Acessado em: 2/11/2019.

REAGAN, R. **Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Orlando, Florida**, Online by Gerhard Peters and John T. Woolley, The American Presidency Project. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/node/262885>>. Acessado em: 19/10/2019.

REAGAN, R. **Statement on the Situation in Afghanistan**. Online by Gerhard Peters and John T. Woolley, The American Presidency Project. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/node/246401>>. Acessado em: 19/10/2019.

TSKHSD (Russian State Archive of Contemporary History). **"Record of Conversation, Soviet Ambassador A.M. Puzanov and Taraki,"** June 18, 1978, History and Public Policy Program Digital Archive, Notes of O.A. Westad, f. 5, op. 75, d. 1181, ll. 22-27. Disponível em: <<https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/113256>>. Acessado em: 3/11/2019.

RGANI (Russian State Archive of Contemporary History - formerly TsKhSD). **Decree of the Secretariat of the CC CPSU** - An Appeal to the Leaders of the PDPA Groups 'Parcham' and 'Khalq' ," January 08, 1974, History and Public Policy Program Digital Archive, f. 89, op. 46, d. 103, ll. 31. Disponível em: <<https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/112505>>. Acessado em: 2/11/2019.

THE WASHINGTON POST. **Covert Arms Aid Defended**. Washington, 13 de novembro de 1975. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP88-01314R000100270009-7.pdf>>. Acessado em: 15/10/2019.

THE WASHINGTON STAR. **A question of covert action**. Washington, 21 de fevereiro de 1980. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP91-00561R000100060061-8.pdf>>. Acessado em: 15/10/2019.

2

Sites de pesquisa

Central Intelligence Agency's Freedom of Information Act Electronic Reading Room: <https://www.cia.gov/library/readingroom/home>

The American Presidency Project: <https://www.presidency.ucsb.edu>

The Constitution Society: <https://www.constitution.org/>

Wilson Center Digital Archive: <https://digitalarchive.wilsoncenter.org>

3

Bibliografia

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas: reflexos sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOSWORTH, C. The Appearance and Establishment of Islam in Afghanistan. In: **Islamisation de L'Asie Centrale**. [S.l.: s.n.]. p. 234-253. Disponível em: <<https://atelmed.hypotheses.org/files/2012/12/Bosworth.pdf>>

DUPREE, L. **Afghanistan**. New Jersey: Princeton University Press, 1973.

EWANS, M. **Conflict in Afghanistan: Studies in asymmetric warfare**. London: Routledge, 2005.

FERGUSON, N. **Empire: The Rise and Demise of the British World Order and the Lessons for Global Power**. New York: Basic Books, 2004.

FERGUSON, N. **The War of the World: Twentieth-Century Conflict and the Descent of the West**. New York: Penguin Press, 2006.

GADDIS, J. **História da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GODEGHESI, C. B.; KENKEL, K. M. **'The right inputs in Afghanistan': a paz liberal no Afeganistão como segurança para o ocidente**. 2015. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GONÇALVES, W. A Segunda Guerra Mundial. *In*: ZENHA, C.; FERREIRA, J.; REIS FILHO, D. A. (Orgs). **O Século XX: O Tempo das Crises**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GOODSON, L. **Afghanistan's Endless War: State Failure, Regional Politics, and the Rise of the Taliban**. Vancouver: University of Washington Press, 2014.

HARTMAN, A. 'The Red Template': US Policy in Soviet-Occupied Afghanistan; **Third World Quarterly**, Vol. 23, No. 3, pp. 467-489, 2002.

HOBBSBAWM, E. **A Era dos Impérios**. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

IRWIN, L. **Disjointed ways, disunified means: leaning from America's struggle to build an Afghan nation**. Strategic Studies Institute. 2012.

LEFFLER, M. **For the Soul of Mankind: The United States, The Soviet Union and The Cold War**. New York: Hill and Wang, 2007.

NOERZAY, W. **American Exceptionalism During the Afghan Soviet War 1979-1989**. 2017. MA Thesis - American Studies Program, Utrecht University.

REIS FILHO, D. As Revoluções Russas. *In*: ZENHA, C.; FERREIRA, J.; REIS FILHO, D. A. (Orgs). **O Século XX: O Tempo das Crises**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RUNION, M. **The History of Afghanistan**. London: Greenwood Press, 2007.

RUBIN, B. **Afghanistan from the Cold War through the War on Terror**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

RUBIN, B. Lineages of the State in Afghanistan. **Asian Survey**, Berkeley, Vol. 28, No. 11, November, p. 1188-1209, 1988.

RUBIN, B. - **The Fragmentation of Afghanistan**. New Haven: Yale University Press, 2002.

SEDDON, D. Imperial Designs: A Deep History of Afghanistan. *In*: **Critical Asian Studies**, Vol. 35, No. 2, p. 175-194, 2003.

SAID, E. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

WESTAD, O. **The Global Cold War.** New York: Cambridge University Press, 2007.

WRIGHT, L. **O Vulto das Torres: A Al-Qaeda e o caminho até o 11/9.** Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.